



Águas Amazônicas:
imagem líquida entre a cidade e a floresta

Maximilian Medeiros Rodrigues

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Universidade Federal do Amazonas
Mestrado Interinstitucional (MINTER)
Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais

Maximilian Medeiros Rodrigues

Águas Amazônicas:
imagem líquida entre a cidade e a floresta

Porto Alegre-RS / Manaus-AM
setembro de 2022

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Universidade Federal do Amazonas
Mestrado Interinstitucional (MINTER)
Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais

Maximilian Medeiros Rodrigues

Águas Amazônicas:
imagem líquida entre a cidade e a floresta

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação da
Universidade Federal do Rio Grande do Sul no Mestrado Inter-
institucional como requisito parcial para a obtenção do título
de Mestre em Artes Visuais, com ênfase em Poéticas Visuais.

Orientadora:
Prof^a. Dr^a. Teresinha Barachini
(PPGAV-UFRGS)

Porto Alegre-RS / Manaus-AM
setembro de 2022

CIP - Catalogação na Publicação

Rodrigues, Maximíliam Medeiros

Águas Amazônicas: imagem líquida entre a cidade e a floresta. / Maximíliam Medeiros Rodrigues. -- 2022.
114 f.

Orientadora: Teresinha Barachini.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Artes, Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais, Porto Alegre, BR-RS, 2022.

1. Águas Amazônicas. 2. Paisagem. 3. Cidade. 4. Deslocamentos. 5. Imagem Digital. I. Barachini, Teresinha, orient. II. Título.

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da UFRGS com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Projeto gráfico e arte:
Thiago Trindade.

Capa:
Thiago Trindade depois de Maxi Rodrigues.

Imagem da capa:
Parintins (2021)

Contato: trindadethiago777@gmail.com

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Universidade Federal do Amazonas Mestrado
Interinstitucional (MINTER) Programa de Pós-
Graduação em Artes Visuais

Maximilian Medeiros Rodrigues

Águas Amazônicas:
imagem líquida entre a cidade e a floresta

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação da
Universidade Federal do Rio Grande do Sul no Mestrado Inter-
institucional como requisito parcial para a obtenção do título
de Mestre em Artes Visuais, com ênfase em Poéticas Visuais.

Orientadora:

Profª. Drª. Teresinha Barachini (PPGAV-UFRGS)

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Valter Frank Mesquita Lopes (FAARTES-UFAM)

Prof. Dr. Alberto Marinho Ribas Semeler - (PPGAV/UFRGS)

Profa. Drª. Daniela Pinheiro Machado Kern (PPGAV-UFRGS)

Suplentes:

Profa. Drª. Fabiana Feronha Wielewicki (ICSEZ-UFAM)

Profª. Drª. Niura Aparecida Legramante Ribeiro (PPGAV - UFRGS)

Porto Alegre-RS / Manaus-AM
setembro de 2022

Para meu avô José Barros, minhas avós Lina e Domitila,
meu tio Zezinho e minha tia Lica (*in memoriam*).

Agradecimentos

À professora Tetê Barachini pelo apoio ao longo do mestrado, pelas excelentes observações e contribuições que foram fundamentais à minha pesquisa.

Aos professores Fabiana Feronha Wielewicky, Alberto Marinho Ribas Seme-ler, Niura Aparecida Legramante Ribeiro pelas considerações durante o exame de qualificação e conversas profundamente enriquecedoras. E, aos professores Valter Frank Mesquita Lopes e Daniela Pinheiro Machado Kern por aceitarem participar do meu exame de defesa nesta etapa final. Ao grupo de pesquisa OM-LAB pelo espaço aberto a trocas e aprendizados que muito contribuíram para meu desenvolvimento neste processo. Aos professores do Curso de Pós-Graduação em Artes Visuais da UFRGS, pela atenção e prestatividade.

Aos meus colegas do Minter/UFAM que de alguma forma contribuíram para ampliar o meu universo perceptivo por meio das conversas, trabalhos conjuntos e discussões enriquecedoras durante as aulas e especialmente para meus colegas de Parintins.

A minha família por todo o amor, companheirismo e afeto ao longo dos meus dias. Meu pai Marcelino por ser exatamente quem é, tudo o que fez e fazer parte da minha vida como um grande homem, um pai para mim e minhas irmãs e um avô maravilhoso para minhas sobrinhas assim como para o meu filho.

À minha mãe por nunca desistir dos seus filhos, por todo o carinho, o amor e

aprendizado ao longo de tantos anos. Uma mulher incrível, da qual tenho orgulho de ser filho, uma guerreira, e avó que eu e meu filho tanto amamos.

À minha companheira Adriane por todo o apoio ao longo desses últimos anos, pela compreensão e por estar comigo nos momentos mais difíceis.

E meu filho amado Heitor Miller que ilumina meus dias quando estamos juntos, me traz felicidade com sua presença e me deu de presente esse amor de pai, que me faz querer ser melhor e acordar todos os dias.

Resumo

Esta dissertação traz uma pesquisa prático-teórica a partir de deslocamentos realizados entre/em Parintins e Manaus, tanto através de caminhadas, quanto por viagens a barco pelas águas do Amazonas. Com o intuito de fomentar a discussão entre produção e contexto na arte contemporânea e os meios de criação, os trabalhos artísticos partem da captura de imagens digitais das paisagens e a sua posterior manipulação através de *softwares* específicos, e o compartilhamento nas redes sociais e *site* autoral. As imagens resultantes refletem as memórias e o imaginário, dispostos nas margens de seus rios e igarapés em constante contraste entre a cidade e a floresta e as relações que as pessoas praticam cotidianamente com os elementos naturais, trazendo à tona o problema ambiental e a preocupação com o futuro da Amazônia.

Palavras-chave: Águas Amazônicas; Paisagem; Cidade; Deslocamentos; Imagem Digital.

Abstract

This dissertation brings a practical-theoretical research from displacements carried out between/in Parintins and Manaus, both through walks and by boat trips through the waters of the Amazonas. To promote the discussion between production and context in contemporary art and the means of creation, the artworks start from the capture of digital images of the landscapes and their subsequent manipulation through specific software and sharing on social networks and authorial websites. The resulting images reflect the memories and the imagination arranged on the banks of its rivers and streams in constant contrast between the city and the forest and the relationships that people practice daily with the natural elements, bringing to the surface the environmental problem and the concern with the future of the Amazon.

Keywords: Amazon waters; Landscapes; City; Displacements; Digital Image.

Lista de figuras

Figura 01 - Captura de tela dos trabalhos de Maxi Rodrigues em seu perfil na rede social Instagram. Foto: autor. [2 9]

Figura 02 - Mapa idealizado. Acervo Pessoal. [3 5]

Figura 03 - Captura de tela. Data: julho de 2021. [3 5]

Figura 04 - Lagoa Azul, Parantins. Foto: autor. [4 0]

Figura 05 - Héctor Zamora, *Ordem e Progresso* (2017). MAAT, Lisboa-Portugal. [4 4]

Figura 06 - Luiz Braga, *Barco no Tapajós* (1982). Pigmento sobre papel fotográfico de algodão. Dimensões: 71 x 105cm . [4 5]

Figura 07 - Marcone Moreira, *Projeto Margens* (2013). Desenvolvido em colaboração com carpinteiros navais, às margens do rio Tocantins, na cidade de Marabá, PA. [4 5]

Figura 08 - Maxi Rodrigues, *Terminal Ajato* (2021). Fotografia com *smartphone* e Manipulação digital Dimensões: 31,5cm X 42cm. [4 8]

Figura 09 - Maxi Rodrigues, *Água de barro* (2021). Fotografia com *smartphone* e Manipulação digital. Dimensões: 31,5cm X 42cm. [4 9]

Figura 10 - Maxi Rodrigues, *Canoa Imaginária* (2021). Fotografia com *smartphone* e Manipulação digital. Dimensões: 31,5cm X 42cm. [5 2]

Figura 11 - Maxi Rodrigues, *Reflexo de Cenário Ribeirinho* (2021). Fotografia com *smartphone* e Manipulação digital. Dimensões: 42cm X 13cm. [5 3]

Figura 12 - Maxi Rodrigues, *Tríade* (2021). Fotografia com *smartphone* e Manipulação digital. Dimensões: 31,5cm X 42cm. [5 4]

Figura 13 - Moacir Andrade, *Bairro Educandos* (1990). óleo sobre tela. [6 1]

Figura 14 - Maxi Rodrigues, *Rio Negro Planeta* (2020). Fotografia com *smartphone* e Manipulação digital. Dimensões: 30cm X 30cm. [6 4]

Figura 15 - Maxi Rodrigues, *Parintins* (2021). Fotografia com *smartphone* e Manipulação digital. Dimensões: 30cm X 30cm. [6 5]

- Figura 16** - Maxi Rodrigues. *Igarapé* (2020). Fotografia com *smartphone* e Manipulação digital. Dimensões: 30cm X 30cm. [6 6]
- Figura 17** - Maxi Rodrigues, *Rio Amazonas* (2020). Fotografia com *smartphone* e Manipulação digital. Dimensões: 30cm X 30cm. [6 7]
- Figura 18** - Maxi Rodrigues, *Comunidade Planeta* (2021). Fotografia com *smartphone* e Manipulação digital. Dimensões: 30cm X 30cm. [6 8]
- Figura 19** - Maxi Rodrigues, *Massauary circular* (2021). Fotografia com *smartphone* e Manipulação digital. Dimensões: 30 cm X 30 cm. [6 9]
- Figura 20** - Maxi Rodrigues, *Sem Título, Série Fragmentos* (2021). Imagem digital. [7 7]
- Figura 21** - Maxi Rodrigues, *Sem Título, Série Fragmentos* (2021). Imagem digital. [7 8]
- Figura 22** - Maxi Rodrigues, *Sem Título, Série Fragmentos* (2021). Imagem digital. [7 9]
- Figura 23** - Maxi Rodrigues, *Sem Título, Série Fragmentos* (2021). Imagem digital. [8 0]
- Figura 24** - Maxi Rodrigues, *Sem Título, Série Fragmentos* (2021). Imagem digital. [8 1]
- Figura 25** - Hugo Fortes, *Amazônia Insomnia* (2018). *Frame* de Vídeo. [8 2]
- Figura 26** - Uýra Sodoma. Foto: Indira Bessa/G1 Amazonas. [9 4]
- Figura 27** - Alejandro Durán. Fonte: Museum of Garbage. [9 5]
- Figura 28** - Maxi Rodrigues, *Resquício 1* (2021). Imagem digital. [9 7]
- Figura 29** - Maxi Rodrigues, *Resquício 2* (2021). Imagem digital. [9 8]
- Figura 30** - Maxi Rodrigues, *Resquício 3* (2021). Imagem digital. [9 9]

Sumário

Resumo [09]

Abstract [10]

Lista de Figuras [11]

Introdução [14]

2 Amazônia Digital [19]

3 Navegando por memórias [32]

3.1. Embarcações [44]

4 Paisagens imaginárias [57]

4.1. Série Pequenos Planetas [63]

4.2. Série Fragmentos [73]

5 Igarapés urbanos [86]

5.1. Série Resquícios [94]

Considerações Finais [106]

Referências Bibliográficas [109]



Introdução

Essa dissertação procura elencar elementos e significados ligados ao meu processo de construção poética, ao comentar sobre parte dos trabalhos poéticos produzidos ao longo desta pesquisa de mestrado. Das histórias ouvidas, passando pelas vivências resguardadas em minhas memórias e os deslocamentos realizados durante a pesquisa, todos esses elementos nutriram a minha observação e minha construção artística, e somam a estas experiências, as influências e referências que foram absorvidas pelas leituras.

Aos poucos, pude perceber a importância da arte e da floresta para as pessoas que moram em Parintins e cidades vizinhas, assim como para Manaus. Quando fui para a faculdade, pude moldar minhas habilidades e meu caráter artístico, e busquei aprofundar meu conhecimento prático-teórico para criações que pudessem expressar minha arte com relação à cidade. Fiz inúmeros trabalhos com diferentes linguagens, de uma forma mais solta, sem solidez poética, mas com uma vontade cada vez maior de produzir e experimentar arte. Penso que as minhas relações e os meus laços familiares foram cruciais para pensar numa poética ligada à natureza.

Sempre tive uma relação muito intensa com o desenho e com os meus rabiscos, e com eles sempre pude expressar meus pensamentos. Entre os anos de 2007 a 2010, estudei artesanato em uma instituição filantrópica chamada “Casa de Acolhida”, que trabalha artesanato com adolescentes, os tirando da ociosidade. Neste período, sendo dois anos como aluno e dois como ouvinte, pude desenvolver minhas habilidades no desenho, na pintura e na cerâmica. Foi um período muito produtivo, e, através dessas vivências, percebi que gostaria de es-

tudar artes visuais no futuro. No ensino médio, assim como nos anos anteriores e no fundamental, todos os meus cadernos tinham rabiscos, ideias e algumas anotações, e eu me destacava no que diz respeito à criatividade. Antes de entrar na graduação, fiz cursos na área de computação gráfica, como CorelDraw e Adobe Photoshop.

Já na faculdade, pude experimentar várias linguagens artísticas, tais como desenho, cerâmica e pintura. Depois de um determinado tempo, já na metade do curso, comecei a utilizar a fotografia e captura de imagem com o *smartphone* e experimentar a manipulação através de vários programas de edição de imagens e de aplicativos no próprio *smartphone*, os quais somaram-se a outros que utilizei como meio criativo durante esta pesquisa, na busca pelo aprofundamento prático-teórico do meu processo poético.

Cabe aqui ainda destacar que o Instagram¹, Facebook² e o meu *site* pessoal³ funcionam como diários, para registrar e expor o resultado de meus pensamentos, e, ao mesmo tempo, permitem que eu possa me conectar com as pessoas através da *web*. Assim, a minha produção está interligada por aplicativos, plataformas e os usuários que visualizam os trabalhos, possibilitando dialogar e interagir com esse público *on-line*.

Então pergunto-me: Como as novas mídias digitais colaboram com o meu trabalho? Como pensar a produção artística através do uso da imagem digital e a *web* e contribuir com as reflexões acerca do processo artístico no Amazonas? Como propor uma poética envolvendo o elemento água através da captura e manipulação das imagens digitais nas artes visuais, e alertar, ou trazer para o foco os problemas ambientais?

1. <https://instagram.com/maxi.mrodrigues?igshid=YmMyMTA2M2Y=>

2. <https://www.facebook.com/maxi.rodrigues.944>

3. <https://maxi-rodrigues50.wixsite.com/maximrodrigues>

As águas amazônicas perpassam a minha pesquisa e a minha produção de imagens digitais, tanto na fase processual, quando me preocupo em coletar, investigar e manipular as imagens com o elemento água, como quando abordo os significados que surgem ao capturar com o *smartphone*, imagens que contrastam entre o urbano e a floresta na Amazônia, e ainda, quando trago para reflexão a maneira com que a sociedade lida com a água em seus vários contextos.

O elemento água é um dos pilares da vida, e se faz necessário entender a sua importância de maneira não só científica, mas também poética. Perceber as várias manifestações de elementos da natureza no cotidiano é de extrema importância para entender o nosso mundo hoje. A ancestralidade traz uma relação com a água muito forte, e a união junto à natureza é inquestionável.

Percebo que, ao me deslocar para morar em uma capital no meio da Amazônia (cidade de Manaus), o contraste de realidades e de significados é absolutamente diferente do que estava acostumado em Parintins. Refletir sobre as histórias e resgatar memórias, passou a ser de extrema importância para a minha produção. Também se tornou essencial pensar as caminhadas e as viagens por cenários únicos, cheios de significados e novas descobertas. Ao visualizar as imagens capturadas pelo *smartphone*, percebo como o meu olhar sobre os lugares perpassa meus pensamentos, e, a partir dessas percepções, surgem ideias que são trabalhadas e compartilhadas na internet.

A dissertação foi organizada em quatro capítulos. O capítulo *Amazônia Digital* trata sobre a importância do meio digital como linguagem, da coleta das imagens digitais, sua manipulação e a exposição dos resultados nas redes sociais, as quais permitem, em algum sentido, a inserção e visibilidade da produção para além do território da pesquisa.

No segundo capítulo, optei por trazer algo inerente a mim, dentro das histórias e memórias povoadas por barcos e canoas, elementos carregados de

significados que fazem parte do todo poético em mim habitado e em constante fase de transformação. Uma conexão com a floresta, com o rio que enche e depois seca mudando a vida do ribeirinho, as margens, o movimento do banzeiro e a vida aquática.

Já no terceiro capítulo, *Paisagens Imaginárias*, trago como as percepções ligadas à criação do meu imaginário com a série *Pequenos Planetas* (2021) e a série *Fragmentos* (2021), onde a imagem da Amazônia digital se faz diluída e manipulada com o leque de possibilidades do tamanho e da potência desse universo verde, e como as águas exercem influência sobre o meu processo criativo.

No último capítulo tornou-se de suma importância focar sobre a questão ambiental da Amazônia, através da série *Resquícios* (2021). Assunto este que se tornou vital para mim e posso afirmar que é algo do qual não imagino viver sem. Entre os principais autores estão Edmilson Ayres Beltrão, João de Jesus Paes Loureiro, Dilson Gomes Nascimento, Carolina Peres, Cleomar Rocha, Pablo Gobira e para dialogar com meus trabalhos escolhi os artistas Hugo Fortes, Héctor Zamora, Luiz Braga, Marccone Moreira, Emerson Munduruku e Alejandro Durán.



Capítulo 2 - **Amazônia Digital**

O espaço para a interação do público com a obra hoje através das redes sociais é um fato. Percebo a importância da arte digital na sociedade com os novos *softwares* de edição, via programas específicos e aplicativos de celulares. A captura de imagens pela câmera de um *smartphone* permite uma acessibilidade e facilidade antes não imaginadas por mim. Busco então mostrar imagens captadas de paisagens ao meu redor, que contenham o elemento água entre os protagonistas, e, através de *softwares* específicos, as manipulo para depois compartilhar no meu *site* e nas redes sociais, tais como o Facebook e o Instagram.

Em minha exposição individual *Águas Amazônicas* (2021) em Parintins, consegui perceber, pela primeira vez, o aprofundamento prático-teórico da minha pesquisa em artes. Apresentei o meu processo poético a partir da captura de imagens da paisagem amazônica, tendo como foco temático o elemento água.

Em meu processo artístico, sempre procurei experimentar diferentes linguagens e resultados que poderiam ser físicos (impressão), ou virtuais (plataformas *on-line*), e, com elas, pensar a sociedade na qual estou inserido. Nesta pesquisa, mergulhei nas possibilidades de publicações em plataformas virtuais, onde cada dia se torna uma oportunidade de aprender, produzir e fomentar conexões com o público-usuário, tendo em vista a divulgação e o diálogo com o outro sobre os meus trabalhos.

Percebo que foi a partir do meu contato com a câmera do celular (captação de imagens), e o computador (manipulação), que ocorreram as minhas primeiras experimentações artísticas digitais e é com elas que trago os resultados da minha pesquisa. A transformação da imagem digital é o meio pelo qual posso expor

meus pensamentos, porque os *softwares* me oferecem infinitas possibilidades para a minha produção. Concordo com Sogabe quando este afirma que:

o artista se aproxima e se afasta, constrói e observa buscando várias percepções e decisões no processo de construção da obra, ou mesmo na concepção do projeto. As decisões tomadas estarão presentes na estrutura da obra, que detonará na percepção e conseqüentemente nos pensamentos do público, as provocações para transformar os comportamentos e as visões de mundo. (SOGABE, 2007, p.1584)

Alembração, a memória daquilo que se coloca no lugar do corpo na atividade fotográfica sob o olhar dos deslocamentos que pratico, e estudos prático-teóricos sobre os *softwares* de edição de imagem em prol de uma produção artística contemporânea é o que move a minha produção artística nesse momento. A imagem digital das paisagens amazônicas possui características capazes de dialogar e/ou interagir com quem as cria e/ou as observa. Constato que o uso de imagens digitais se tornou naturalizado no cotidiano da sociedade contemporânea, onde a arte pode separar uma imagem propositora de reflexão artística das imagens que não estão no campo da arte. Para Couchot (2003, p.160) as imagens numéricas se apresentam sob uma grande variedade de aspectos e por mais diferentes que sejam:

todas essas imagens têm características comuns, totalmente novas, tanto na sua *morfogênese* (a maneira pela qual suas formas são produzidas) quanto na sua distribuição (a maneira pela qual são dadas

a ver, socializadas). Como essas características são mais ou menos acentuadas segundo a categoria de imagens que examinamos, convém, para captá-las em toda a sua singularidade, reter os pontos de vista mais significativos de sua inovação técnica. Consta-se então que essas imagens possuem duas características essenciais. Elas são calculadas pelo computador e capazes de *interagir* (ou de “dialogar”) com aquele que as cria ou aquele que as olha. (COUCHOT, 2003, p. 160) (grifos do autor)

A imagem digital manipulada, ou seja, as experimentações feitas por muitos artistas/fotógrafos possibilitaram a utilização de recursos tanto nos aplicativos das próprias câmeras quanto nos programas profissionais de edição das imagens. A princípio busquei experimentar várias técnicas, tais como aplicativos básicos tanto no celular quanto no computador, com a utilização de imagens autorais ou mesmo extraídas da internet. Depois, experimentei no meu processo poético o desenvolvimento de ferramentas específicas e a interação através dos programas de criação e manipulação de imagens tanto estáticas quanto em movimento, resultando em trabalhos com formato *GIF* e criação de vetores com o *software* CorelDraw e Adobe Illustrator. Percebi que a manipulação me permitia à criação de um universo artístico particular, com amplo campo de possibilidades. Precisei fazer escolhas em relação ao que faria de fato, como quais elementos iria trabalhar de forma mais intuitiva, pois:

um sistema computacional processa dados, em sistemas lógicos de ordenação, utilizando linguagem para tal. A toda ação de usuário ou mesmo de máquina, o sistema processa a informação com base em linguagem e executa a ação, em contínuos *inputs* e *outputs* vincula-

dos às suas interfaces, sejam elas interfaces com usuário ou sistemas interfacetados, quando a comunicação ocorre entre máquina e máquina. De um modo e de outro, o processamento caracteriza uma atividade de sistema, com recorrências lógicas de processamento. (ROCHA, 2018, p.106)

As propriedades empregadas perpassam a sua construção no sentido de composição de cor, luz e sombra, formas e texturas virtuais das imagens diluídas em diferentes lugares e maneiras. Coloquei através das imagens, meus pensamentos sobre identidade amazônica, abstrações de cenas corriqueiras do cotidiano ao meu redor, tendo o elemento água como mote principal no ambiente natural e urbano, além da relação da humanidade com a natureza e as consequências advindas da expansão urbana.

No início das artes digitais, assim como os artistas pioneiros buscaram, primeiro, conhecer e experimentar os computadores e ver como poderiam auxiliar no desenvolvimento de uma obra, através da minha intuição artística, fui para o campo das artes digitais em busca de conhecer até então o que era novo para mim. Neste sentido, ocorreu a transferência de uma produção manual com os recursos tradicionais das artes plásticas, a qual estava familiarizado, para o uso de recursos do *smartphone*, *notebook* e internet. Surgiu quase que de forma imediata uma atração pela imagem digital, pelo estudo do *pixel*, captura e diluição da imagem, assim como a criação de outros ambientes e a possibilidade de novas percepções e experiências, visto que “tudo ao redor do artista pode ser considerado matéria-prima. Quer sejam dispositivos completos ou seus fragmentos eletrônicos ou mecânicos, código computacional, tudo pode literalmente ser apropriado para a materialização de seu projeto artístico (FOGLIANO, 2013, p.89)”. Neste sentido, pode-se dizer que os artistas experimentam as mais diver-

As ferramentas disponíveis e, em minha vivência, quase todo aparelho eletrônico se tornou ferramenta para minhas experimentações artísticas. As imagens, quando capturadas, tem a capacidade de, através de aplicativos e *softwares*, se tornarem trabalhos poéticos e no século XXI

vemos uma ampliação de manifestações artísticas através dos dispositivos móveis, facilidade de acesso à tecnologia digital e informações técnicas na Internet, possibilitando o surgimento de uma gama de artistas vindos de todas as áreas do conhecimento, assim como jovens que utilizavam os dispositivos interativos e conhecimentos adquiridos nas redes sociais. Esses acontecimentos em pouco mais de 30 anos nos provocam uma sensação mista de senti-los tão próximos e, ao mesmo tempo tão distantes, causando um paradoxo. Próximos, pelo tempo cronológico passado, e distantes, pela velocidade de grandes mudanças, de tipos de pensamentos e tipos de obras realizadas nesse tempo. (SOGABE, GOBIRA, 2019, p.22)

Através de inúmeros trabalhos artísticos, se obteve avanços de técnicas e recursos para a imagem digital, assim como plataformas para o armazenamento do conteúdo artístico digital. Com a imagem no computador e no *smartphone*, pode-se trabalhar com a criação e apropriação de imagens podendo editá-las e lançá-las nas mais diversas plataformas de divulgação, exposição e comercialização dos trabalhos. O atual mundo consome uma enxurrada de imagens criadas, editadas e compartilhadas a cada segundo. A apropriação de imagens passa pela possibilidade de juntar e sobrepor tal como a colagem e a elaboração de novas imagens. O ato de criação pode ser questionado pelo fato do fácil acesso às imagens de outros artistas tanto do passado quanto do presente para manipulação, apropriação ou até mesmo o “plágio”.

Pode-se inserir em um novo tipo de acervo, o *on-line*, onde os trabalhos são enviados a *sites*, seleções e editais de exposições de determinadas galerias, museus e instituições através da internet. Para que haja visualização de trabalhos, inclusive nas plataformas NFT (sigla para *non-fungible token*, ou *token* não fungível, um ativo criado a partir da tecnologia *blockchain* que serve como identidade digital de um item). O NFT assegura a autenticidade daquele item, que é único, ou seja, o ativo garante a posse de um bem exclusivo, que nenhuma outra pessoa tem. Nesse caso os trabalhos não só podem fazer parte, como ganhar grande destaque nos sites e aplicativos⁴.

Como se verifica, a estética da conectividade não tem lastro apenas na arte, produção artística em si, mas é um traço da cultura, um programa de gosto instaurado como prática social. Como elementos estéticos, contudo, é na arte que o gosto se consolida como um imamente ao transcendente. (ROCHA, 2017, p.41)

Observa-se um grande consumo de imagens digitais através da câmera do *smartphone*, as quais são usadas inúmeras vezes e podem-se obter reações imediatas do público em relação à obra exposta na rede. Normalmente pensamos a experiência com a obra de arte em galerias e museus, mas infelizmente, fazendo uma breve reflexão social no âmbito regional, nacional e global, a maioria das pessoas não pode ir aos locais de acervos físicos e exposições presenciais, perdendo, em algum sentido, a experiência com a obra de arte. E, ainda, na cidade onde eu nasci como não existe um leque de galerias à disposição, o acesso a obras em acervos materiais é bastante escasso. Já com internet, espe-

4. Este é apenas um exemplo em outros da utilização da rede como meio produtor e legitimador de imagens digitais enquanto possíveis produtos para o mercado da arte.

cificamente nos *sites* específicos e redes sociais, há possibilidades de atingir um número grande de obras através das imagens digitais. Desta forma o “fazer artístico contemporâneo, ao se debruçar sobre a interatividade e as relações dadas nas redes de computadores, definem uma nova estratégia de gosto, consolidando a perspectiva de uma estética centrada na conexão, na conectividade (ROCHA, 2017, p.41).”.

Percebo um crescimento de obras artísticas de caráter digital cada vez ganhando mais espaço e holofotes tanto em ambientes tradicionais como novos, sobretudo com artistas de renome internacional que conectam pessoas ao redor do mundo. O NFT é um grande exemplo disso.

O computador e o celular possibilitam trabalhar com *softwares* que representam a parte virtual de um sistema, proporcionado pelos *hardwares* (parte física da máquina) e conectado a uma rede de computadores interligados em rede, uma extensão da conexão de vários microssistemas. Por um lado, percebe-se um questionamento sobre a arte digital como uma forma de arte autêntica, pela dificuldade do espectador poder entender a arte digital como resultado de uma nova intuição e percepção poética, principalmente em imagens com ‘pixelização’, ou seja, com os *pixels*, na qual o formato quadrado está visível. Isso se torna um convite ao desconhecido, o que positivamente seria um caminho de descobertas. Por outro lado, pode existir também um receio de aceitar aquilo que não é considerado popular e tradicional e, sobretudo material.

A tecnologia (assim como a ciência) não é neutra, nem sua presença, nem o uso que dela fazemos, inerte ou inocente. Mas também não podemos nos esquecer de que vivemos num mundo cercado de aparatos e interfaces tecnológicas. Vejo o uso da tecnologia como uma opção, uma escolha possível, mas que não

poderia ser substituída por qualquer outra. Ela faz parte do nosso universo de referências e de vivências, onde pode ter um papel fundamental, mas não é ela quem determina o trabalho ou o processo artístico. A relação é outra, é de parceria. É o trabalho/questão que aponta o que é necessário, indica liames, hibridizações, vetores. Cada trabalho é um processo, cada trabalho é um diálogo. O artista tenta explorar essas possibilidades e, de alguma forma, criar zonas de suspensão, abrir hiatos e sonhar o mundo em que vivemos. (PRADO, 2018, p.144-145)

A produção de trabalhos com caráter de rede (internet), onde há o acesso de muitos usuários, proporciona trocas de informações e trabalhos com colaboradores múltiplos, cujos resultados podem ser poéticos através destas mesmas ações colaborativas. As imagens, seja por transmissão de uma câmera do *smartphone* ou pelo *download* da *web*, trabalham com o *pixel*, que é a menor parte de uma imagem digital, permitindo que se gerasse uma nova forma de arte, a digital.

No percurso da minha criação artística, fez parte do processo encontrar ferramentas que pudessem ser utilizadas e me reinventar, pensar e refletir sobre estas novas questões e principalmente as novas possibilidades de criação, armazenamento e divulgação do meu trabalho. Nas experimentações realizadas, acabei por selecionar programas, aplicativos e determinadas formas de poder expressar e libertar os meus pensamentos. Percebi que os trabalhos digitais permitem refletir sobre a relação da humanidade com a globalização e as suas transformações, levando-me a pensar a Amazônia sob este novo contexto.

Existem inúmeros *softwares* para edição de imagens, vídeos ou sons em diversas plataformas, não só para computador, mas para *smartphones* com altos e baixos custos, assim como as capacidades de manipulação onde se tem possibilidades de apropriações e desdobramentos múltiplos. Vários aparelhos

eletrônicos criados para facilitar a vida do homem, simulam a realidade física e possibilitam uma interatividade complexa, singular e enriquecedora. A junção de muitos recursos tornou a realização artística nas novas mídias cada vez mais possível e impactante em nosso cotidiano.

Os dispositivos móveis, como o *smartphone* e *tablet* são capazes de conectar pessoas, transmitir imagens, músicas, vídeos, documentos, eventos e fazer inúmeras tarefas através de toques na tela ou comandos de voz. Hoje em dia, utilizo o *smartphone* como minha principal ferramenta de produção artística, pois ele me permite capturar imagens, gravar vídeos, produzir textos, além de poder manipulá-los no próprio *smartphone* ou, posteriormente, no computador, utilizando o programa Adobe Photoshop. Com ele capturo cotidianamente as imagens ao percorrer as cidades de Manaus e Parintins, escolhendo cenas próximas aos rios, lagos e igarapés. A forma como trabalho me permite uma liberdade expressiva, na qual os trabalhos são resultantes de inquietações, deslocamentos e manipulações imagéticas.

Depois de prontos, os meus trabalhos são disponibilizados para visualização na plataforma Instagram, porque é uma maneira de expor para o público o meu trabalho e a minha produção sempre atualizada. Com a função “*Story*” consigo publicar ações instantâneas e com a “*Transmissão ao vivo*” posso transmitir em tempo real ações, como a abertura de uma exposição ou a produção da pesquisa artística num dado momento. Assim como Rocha (2017, p.38-39), considero que a “*integração social experimenta modelos baseados nas relações mediadas pela tecnologia, em acessos a redes e sites sociais*” e a comunicação não apenas se intensificou como adotou “*modelos assíncronos e imediatos, presenciais e remotos, experimentando o relativismo do espaço-tempo.*”.

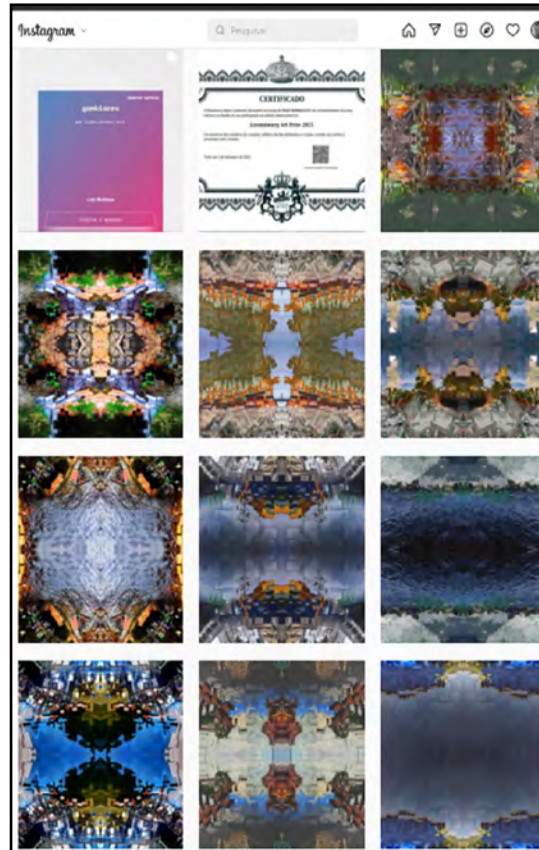


Figura 01 - Captura de tela dos trabalhos no Instagram de Maxi Rodrigues. Fonte: autor.

As imagens com formato digital disponibilizadas no Instagram encaixam com o meu pensamento para divulgação e principalmente para o engajamento artístico digital, tanto para quem está dentro do contexto amazônico, quanto para quem é de outros lugares do mundo. O armazenamento das imagens em nuvem facilita para que não haja perda dos dados, conteúdos dos trabalhos, bem como a imagem matriz a ser manipulada posteriormente para um trabalho poético ou texto reflexivo.

Preocupo-me em produzir aquilo que considero essencial e inerente, dentro da ideia da paisagem amazônica natural e urbana em diluição. Penso que, através das interfaces, as imagens digitais que produzo tem o poder de se comunicar com o outro através do contato com a tela do computador ou do *smartphone*. Para Rocha (2017, p.39), é “exatamente na confluência das práticas sociais baseadas na conectividade que o gosto instaurado pelas redes telemáticas e a consciência da conexão com o mundo, sustentam uma nova perspectiva estética (...) passando a compor o próprio DNA social contemporâneo.”.

Existe a percepção sobre o fato de quem gera a imagem digital no computador na verdade não é o artista, mas sim o sistema binário com códigos entre 0 e 1 que se converte naquilo que se vê na tela, e muitas vezes, este fato não é pensado com profundidade por quem concebe um trabalho artístico nessa linguagem. Penso no meu papel de artista como um agente propositor que mostra aquilo que muitas vezes passa despercebido, tais como: imagens que mostram paisagens do cotidiano, cenas corriqueiras, ambientes com problemas de saneamento básico, poluição dos rios e igarapés e a relação do ribeirinho com a água na Amazônia.

Na era da conectividade, antes da neutralidade comum da conexão de todos, como se poderia argumentar, a integração se dá a partir das noções externas sociais e temporais, qualificando a conectividade enquanto o processo atual e de pertencimento a atualidade. Em outros termos, a sociedade conectada do conhecimento se distingue, temporalmente, de grupos anteriores. Nessa direção, somos todos digitais, como as sociedades anteriores não foram. Na lógica de integração, em que a cultura é definida por valores, a conectividade torna-se um valor emergente, sustentada por dados como os percentuais de acesso à Internet. (ROCHA, 2017, p.40)

As novas mídias digitais dão uma ampla gama de possibilidades, e isso interfere de forma positiva no meu processo criativo. Com as interfaces e os conteúdos na rede, tendo a evidenciar uma possível investigação que serve de base para a minha pesquisa atual. Escolhi uma maneira pela qual desejo me expressar e buscar conhecimento, adotando uma linguagem para produção e experimentação técnica em minha experiência artística.

As novas tecnologias que surgem a cada momento são caminhos que proporcionam modos de produção não lineares, concepções divergentes e potencialmente impactantes, e que também podem moldar o pensamento artístico constantemente. Para Peres (2015, p.55) os artistas em suas elaborações são capazes de “propor novos modos de ver o mundo” e fogem do óbvio, agindo no espaço da criação sob a perspectiva da “liberdade necessária para que o processo ocorra.”.

Procuro transmitir através da imagem digital a minha percepção de mundo através da arte. De certo modo, isso pode ser visto como experimental algo que pode despertar certo incômodo, mas torna inegável sua presença nos grandes espaços tanto formais, quanto não formais. Em lugares onde impera a tradição, é importante disseminar os conhecimentos acerca do que se produz hoje e as múltiplas capacidades carregadas nos novos recursos digitais que se atualizam a cada momento.



Capítulo 3 - Navegando por memórias

Dentro deste capítulo pretendo dissertar sobre os caminhos percorridos para a captura digital do material que posteriormente foi utilizado nos meus trabalhos poéticos. Os caminhos realizados pelos lugares amazônicos são descobertas contínuas, e desejo capturar aquilo que o olhar capta e que é essencial para a minha percepção. Uso a câmera do *smartphone* para os registros das imagens dos lugares onde antes eram apenas para lazer e hoje são extensa fonte para as criações poéticas.

Aproveito as minhas viagens de passeio e de compromisso de trabalho para recolher material imagético e depois modificar as imagens, experimentando várias possibilidades, a partir de *softwares*. O caminhar e o navegar pelos vários lugares, bem como a construção dos trabalhos a partir das imagens digitais, trazem para o foco as histórias locais e os contextos nos quais me vejo imerso, tanto de ambientes afetivos quanto em novos lugares que percorro. As descobertas são infindáveis, levo-me e sou levado neste processo de percepção, apreensão e transformação das imagens da Amazônia.

As lembranças que tenho estão guardadas em minha memória e as resgato sempre que posso. Lembro-me das visitas à comunidade ribeirinha de onde minha família veio, da antiga casa dos meus avós maternos, uma casa simples de madeira, troncos de grandes árvores que serviam de caminhos para proteção das grandes enchentes, dos papéis colados nas paredes de madeira para poder fechar as brechas entre as tábuas, do pote de cerâmica em que a água era armazenada para o consumo e dos pequenos caminhos em meio ao mato dentre as comunidades com suas casas não tão próximas.

Nestes lugares, o anoitecer e o amanhecer têm suas particularidades, e o som dos animais, o clima e o tempo parecem ser de um mundo diferente daquele que encontrei na cidade de Manaus. Os banhos ao amanhecer e ao entardecer eram como uma regra não dita, e ao tomar banho de rio nas águas barrentas, lembro-me de sentir uma ligação com a natureza quando meus pés afundavam no barro e a água refrescante do Rio Amazonas abraçava meu corpo, e de ser também um dos encarregados de buscar água em um balde de plástico médio na beira do rio e de subir na pequena ponte de madeira e no barranco, típico das comunidades ribeirinhas, para pegar a água na cuia e jogar sobre o corpo.

Existe para mim uma conexão muito profunda e subjetiva com as águas no Amazonas. Fortes Junior (2006, p.30) nos diz que “as diversas conotações simbólicas da água, (...) uma espécie de imaginário aquático do qual os artistas irão se servir no decorrer dos séculos, ampliando-o e reelaborando-o através de suas experiências e interpretações poéticas” trazem a simbologia da água tanto na experiência individual como na coletiva, visto que:

os usos e hábitos dos diferentes povos marcaram de maneiras específicas a relação do homem com a água, levando-o a desenvolver narrativas que dêem conta de descrever toda a sorte de sensações e anseios decorrentes desta relação. A complexibilidade da relação homem-água desdobra-se nos variados aspectos, de forma que as histórias sobre a água não são apenas a descrição de eventos reais, mas ganham tonalidades metafóricas que servem para explicar diversos dos comportamentos humanos. (FORTES JUNIOR, 2006, p.30)

Minha família veio de comunidades ribeirinhas próximas à cidade de Parintins-AM. Minha mãe e sua família moravam na comunidade de São Sebas-



Figura 02 - Mapa idealizado da Comunidade São Sebastião do Saracura. Acervo Pessoal.

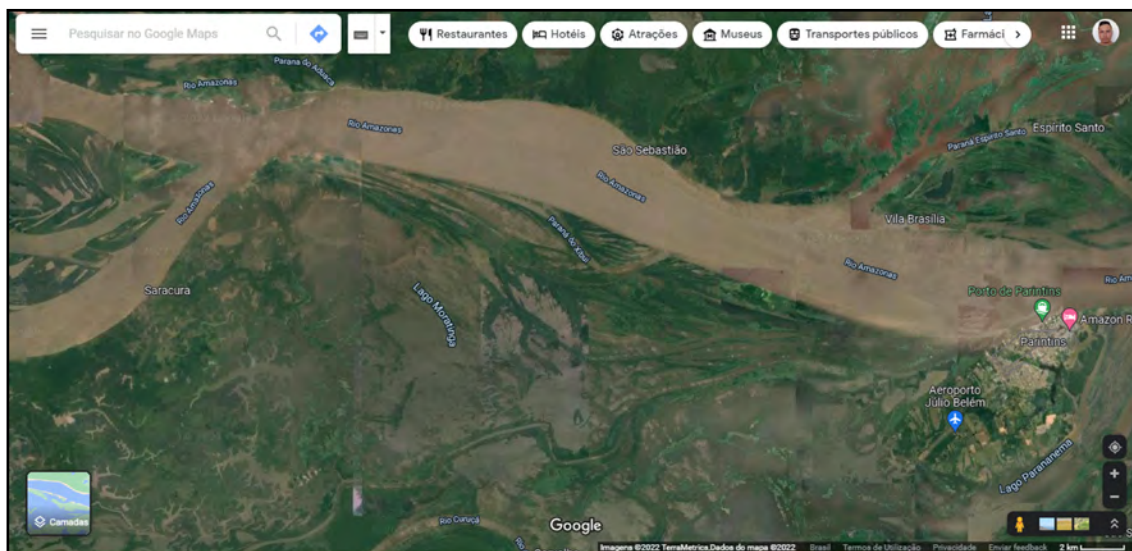


Figura 03 - Região entre Parintins e a Comunidade São Sebastião do Saracura. Captura do Google Earth feita pelo autor. Data: julho de 2021

tião do Saracura, e o meu pai na comunidade ao lado, chamada de Araçatuba, áreas de várzea, lugar onde no período da enchente o rio alaga (fig. 02 e 03). Eles se conheceram e desse relacionamento surgiram três filhos, duas filhas, sendo a mais velha e a mais nova e eu sou o filho do meio, o único que nasceu na zona urbana em Parintins. Apesar de não ter sido criado de fato no ambiente ribeirinho, tenho uma relação muito forte com a floresta e com as águas do rio Amazonas que corre em frente à cidade de Parintins. As visitas à comunidade onde meus pais moravam aconteciam anualmente em uma festa dedicada a São Sebastião, santo padroeiro daquela região. Entretanto, devido à pandemia da Covid-19 não se realizou a festa entre 2020 e 2021.

Penso nas influências ligadas à natureza onde meus pais e minha família viviam, e como trouxeram consigo para a cidade suas experiências e compartilharam comigo e com as futuras gerações. Tais relações com a cultura local são perceptíveis pela maneira de falar, pelas comidas típicas, ou mesmo quando se fala do lugar onde se vive ou viveu, conectando a simplicidade das comunidades ribeirinhas com a complexidade e a imensidão amazônica.

É graças a esta forma peculiar do olhar do homem da região (que a Amazônia, que sempre constituiu-se para viajantes e estudiosos em um espaço delimitado de geografia e cultura), tornou-se também uma extensão ilimitada às instigações do imaginário. Por essa prazerosa, o homem da Amazônia percorre pacientemente as inúmeras curvas dos rio, ultrapassando a solidão de suas várzeas pouco povoadas e plenas de intocáveis tonalidades de verde, da linha do horizonte que parece confinar com o eterno, da grandeza que envolve o espírito numa sensação de estar diante de algo sublime. (LOUREIRO, 1995, p. 59)

Portanto, reflito em meu trabalho parte da cultura de uma família que veio de comunidades ribeirinhas para a cidade de Parintins e que trouxeram consigo tradições e saberes antigos. As relações com a floresta e os rios da Amazônia estão nas memórias de minha família e no meu cotidiano vigente. Meu pai, por exemplo, até os dias de hoje trabalha como piloto fluvial, ou seja, tem uma ligação muito forte com a água. Ele começou como marinheiro de convés, trabalhando em várias empresas, e conhece bem os rios e lagos do Baixo-Amazonas, região que compreende cidades próximas à fronteira com o Pará, à exemplo de Parintins.

Todas as vezes que ele chega em casa a alegria se torna contagiante. Ele gosta de estar junto da família, manter tradições com a culinária típica, tratar o peixe para assá-lo ou cozê-lo e convidar amigos e familiares para uma espécie de confraternização. Lembro-me quando ele passava muito tempo longe de casa, em um período onde as viagens eram longas, como o destino de Manaus a Porto Velho-RO, no empurrador de Balsa. As visões a respeito desse trabalho nem sempre podem se dar de maneira romântica. Primeiro, porque ficar longe da família não deve ser fácil. Minha mãe relatava que quando éramos crianças ele levava uma foto minha e das minhas irmãs para tentar diminuir a saudade durante as viagens. Outro aspecto importante é que quem trabalha com navegação não tem um horário certo para dormir. As balsas e barcos feitos de ferro no verão amazônico podem tornar-se um ambiente extremamente quente e insuportável, além de carregar coisas pesadas e enfrentar as chuvas fortes e temporais com grande perigo de naufrágio. Refletir sobre essas coisas me faz ter reconhecimento do sacrifício de meu pai para com a nossa família, além da vontade imensa de retribuir com carinho nas poucas vezes em que nos encontramos.

Nunca irei esquecer a reação e emoção do meu pai ao apreciar os trabalhos na minha exposição, seu choro me tocou de um jeito jamais imaginado. Suas palavras de agradecimento sobre o meu contar através de imagens sobre um lugar

- a Amazônia -, dos elementos que falam sobre a história de um povo, de uma família e de um indivíduo. Percebo o quão importante se faz a arte dentro da sociedade. Foi maravilhoso observar as várias reações das pessoas ao apreciar meus trabalhos, algo que é sempre muito motivador para o meu fazer artístico.

Quando eu era criança, meu pai me levava de bicicleta para o trabalho tanto de dia, como às vezes para dormir com ele à noite no empurrador de balsa. Observava sua rotina de trabalho peculiar como marítimo. Em geral, os dias se faziam quentes e a noite ficava frio. Já na adolescência, eu era encarregado de deixá-lo nas áreas portuárias para que ele pudesse viajar, ou ainda, quando ele trabalhou por anos como fiscalizador de embarcações no porto de Parintins, em frente ao Rio Amazonas. Essas são lembranças que eu guardo com muito carinho e que ainda reverberam nos meus trabalhos.

Paralelamente ao desenvolvimento dos hábitos, crenças e visões de mundo dos povos, que formam as grandes narrativas da cultura e servem como base e inspiração para a criação artística, também a arte apresenta narrativas e procedimentos em seu próprio interior, que contribuem para a formação de iconografias e imaginários sociais, que influem na constituição e no desenvolvimento dos estilos e concepções artísticas de cada época. Desta forma, as imagens da água produzidas pela arte do passado, servem muitas vezes como ponto de partida para as imagens da água no presente, quer sejam como fontes de referência, quer sejam para serem transformadas ou contestadas. (FORTES JUNIOR, 2006, p. 33)

Com o esforço do trabalho de meu pai e a ajuda de minha mãe, eles compraram uma casa para que pudéssemos ter um lugar nosso para crescer, que não fosse a casa de minha avó paterna. Minha mãe, por sua vez, cuidou de mim e de minhas irmãs, além de carregar consigo o conhecimento sobre coisas que são mais frequentes em comunidades ribeirinhas, como por exemplo, tratar variados tipos de peixes, utilizar os remédios de herança indígena como copaíba e

andiroba, assim como desfrutar da culinária regional baseada em animais, plantas e frutos nativos. Pensar sobre as relações da minha família e as histórias dos lugares, e a partir daí refletir sobre a minha identidade cultural deste local, como alguém cuja retribuição cultural se dá através da arte, me moveu dentro desta pesquisa de mestrado.

A minha vinda para Manaus se deu em 2020, ao ter sido aprovado no Concurso Público da Secretaria de Educação do Estado do Amazonas como professor de Artes, logo após ter me formado na graduação em Licenciatura em Artes Visuais pela UFAM. Esta mudança do local da minha residência não me afastou das águas ou da floresta, apenas deslocou a minha percepção para uma área urbana.

A distância entre Parintins e Manaus é de 369.21 km em linha reta e quase 20h de viagem de barco, ou seja, sai em um dia e chega no outro. De lancha são 12h e chega no mesmo dia, e, de avião, a viagem dura aproximadamente uma hora, porém não existe ligação terrestre. Por isso, os caminhos que sigo são sempre de barco, devido ao custo benefício em relação às outras opções.

No início da viagem para Manaus já sinto saudade de Parintins, tenho a sensação de pertencimento e de que logo irei voltar. No barco temos a oportunidade de reencontrar pessoas conhecidas ou simplesmente fazer novas amizades e ele passa a ser um lugar de relações com pessoas junto à natureza. Guardo comigo a sensação de vento forte em meio a um dia nublado, de poder deitar na rede e ficar olhando de um lugar privilegiado as paisagens, as comunidades ribeirinhas, além das próprias cidades e vilas.

Durante o inverno amazônico convivemos com um período de grande volume de chuvas e lonas são colocadas nas embarcações para cobrir as laterais, e mesmo assim sentimos as gotas de chuva. O frio faz com que nos protejamos com nossos lençóis em nossas redes, que por sua vez se tornam companheiras essenciais, pois marca nosso lugar no barco junto com a nossa bagagem.

As cores das redes se encaixam e falam um pouco sobre a personalidade de cada passageiro, além de se mostrar como um ambiente de situações mais íntimas, como dormir ao lado de alguém que não se conhece e ter que dividir momentos de higiene, como escovar os dentes e a própria alimentação no improvisado do lugar, onde não existem mesas para os pratos e talheres.



Figura 04 - A Lagoa Azul em Parintins. Foto: Autor.

O entardecer é sempre inspirador para mim com suas cores junto às linhas das sombras das árvores e o reflexo das luzes no movimento das águas. Já o anoitecer, revela os sons dos animais abafados pelo barulho alto do motor do barco, o que os torna quase imperceptíveis. Contudo, o ar de mistério, somado às histórias e lendas antigas de quando se é criança se faz presente em minha memória e tomam conta do meu imaginário. Já o amanhecer, revela a luz sobre a lateral do barco acordando os passageiros, que levantam para tomar o café da manhã,

enquanto apreciam a paisagem e as outras embarcações que vêm e vão, trazem e levam coisas e pessoas com suas esperanças e muitas histórias. Por vezes, durante estas viagens, é possível observar o boto tucuxi (cinza) e o boto cor-de-rosa.

No inverno amazônico, o nível dos rios, lagos e igarapés sempre aumenta, invadindo casas e plantações dos ribeirinhos e influenciando diretamente a vida do amazônida. Outro fato importante sobre a minha vida na casa de meus pais em Parintins é que na rua de trás da casa há uma porção de água chamada Lagoa Azul (fig. 04), que durante vários anos, nos períodos de chuva, ao transbordar, invadia as ruas, a nossa casa, assim como as casas de outros vizinhos, tornando os acessos difíceis para as pessoas daquela região. Em nossa casa, a água cobria o quintal e a cozinha, os utensílios eram suspensos para outro espaço em um nível um pouco mais alto. As casas na rua de trás de onde residem meus pais eram palafitas⁵, para que as famílias conseguissem se proteger das águas que eram e continuam sendo poluídas, e guardo na lembrança a estrutura de uma casa abandonada que as crianças usavam para brincar de pesca.

Hoje as águas do lago não invadem mais a casa de meus pais, graças a um trabalho de drenagem que foi realizado pela prefeitura. Isso resolveu o problema de muitas pessoas, mas não resolveu de fato o problema como um todo. Na verdade, esse lago se formou com a água da chuva em um espaço onde era e ainda é despejado lixo doméstico dos moradores locais. Esse mesmo lago possui peixes, jacarés e tartarugas, que foram sendo inseridos ao longo dos anos pelos moradores locais.

Lembro-me também que as principais vias de acesso para o centro da cidade de Parintins eram inundadas. A água do igapó cobria a Rua Odovaldo Novo em frente a “Cidade Garantido”, curral do boi vermelho e branco de

5. Palafitas são “ um tipo de habitação construída sobre troncos ou pilares. Esse tipo de construção é comum em áreas alagadiças, pois deixa a casa em uma altura que a água não alcança” Ver sobre em: <https://portalamazonia.com/amazonia-az/palafitas> . Acesso em 23/07/2022.

Parintins⁶, assim como Avenida Paraíba e a ponte Amazonino Mendes, as três únicas vias de acesso para a outra metade da cidade. Então se tornava inviável ir para a escola durante o Ensino Médio, pois era necessário atravessar a cidade, ou as aulas eram suspensas justamente por este mesmo motivo. Anos depois, a Avenida Paraíba e a ponte Amazonino Mendes foram suspensas e o problema solucionado. Porém, outros trechos da cidade, que ficam em um nível mais baixo, são prejudicados pela subida das águas. Este fenômeno que acontece em várias cidades do Amazonas, o qual é chamado de repiquete, época em que o rio alcança seu limite e estabiliza, mas com as chuvas isoladas em determinadas regiões, volta a subir e alcançar marcas históricas ao longo dos anos.

As imagens que captei trazem lembranças das viagens às comunidades da minha família, lugares próximos à Parintins na Amazônia. Como por exemplo, a comunidade do Limão, cerca de trinta minutos de barco de Parintins, onde meus tios possuem residência. Uma ponte em frente e abaixo dos barrancos é icônica neste local, sua presença é simples e essencial às populações ribeirinhas. Lembro-me especificamente de uma viagem de rabeta (canoa com motor) e do encontro forte do banzeiro com a velocidade gerada, do medo de naufrágio e da minha avó paterna serena e calma, de poucas palavras e com seu olhar contínuo no firmamento e da frieza em suas decisões.

Um fato recente e marcante para mim foi quando minha avó materna faleceu. Nos seus últimos dias de vida no hospital, foram importantes os passeios terapêuticos que ela fez fora do quarto, na área do hospital Jofre Cohen, em frente ao Rio Amazonas. Ela não contemplava essa paisagem havia muitos anos e foi uma das últimas imagens que viu antes de falecer. Ela havia nascido e criada na beira do Rio, na comunidade do São Sebastião do Saracura e devido ao período pandêmico ela estava muito tempo longe do rio, isolada em casa, onde

6. Ver mais sobre em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Boi_Garantido. Acesso em 23/07/2022.

quase não saia. Isso foi algo que me marcou de forma bastante emblemática.

Na cidade de Boa Vista do Ramos, Amazonas, ao caminhar e navegar na comunidade ribeirinha Massauary, pude perceber e capturar vertentes ligadas às minhas relações com a água. Um dos elementos percebidos e utilizados na manipulação das fotografias é o reflexo. Assim, fiz do reflexo outra maneira de poder perceber os diversos cenários como o rio, a floresta, os barcos e as canoas. A ida dos navegantes até a cidade pela busca de suprimentos, notícias e afazeres burocráticos, como o de documentações, muitas vezes se faz necessária. A vida do ribeirinho está ligada por um vai e vem constante, onde as relações são simbólicas e delas se observa uma vitalidade única. Objetos da cidade são levados para dentro das casas simples no meio da floresta, tais como eletrodomésticos, televisores e geladeiras e são instalados nos lugares onde a energia elétrica foi contemplada.

Idealizo muitas vezes lugares que não poderiam ser vistos, lugares com uma margem aonde as pessoas de comunidades e cidades próximas chegam e partem. Onde as relações se mostram de várias maneiras, como por exemplo, as crianças e adolescentes que se deslocam a caminho das escolas nas comunidades, carregam na mochila o caderno, a vontade de estudar e esperança de um futuro promissor.

A vida dos professores no ciclo escolar no ensino rural pode ser bastante desafiadora. Como exemplo disso, cito minha tia Carminha, que trabalha na comunidade do Saracura, onde cresceu e depois voltou para atuar como docente no ensino tecnológico. Ela lida com os problemas ligados ao ensino nas comunidades ribeirinhas, contempla a paisagem e tem o privilégio de poder tecer relações com as pessoas que ali moram, com a floresta, os animais e o rio. Ao mesmo tempo em que precisa viajar com todos os processos burocráticos e dificuldades enfrentadas, à exemplo da própria cheia, que acaba com as plantações dos ribeirinhos, onde surgem doenças trazidas pela água e a aproximação de animais peçonhentos, como, por exemplo, as cobras, como a que picou minha prima

Fabiola ou a raia que ferrou a perna de meu pai, que lembra a quão dolorosa foi a experiência, que chorou feito uma criança. As relações com o rio se multiplicam, do mesmo rio de onde se tira o alimento este devolve as consequências na qual lhe é imposto.

Os lugares por mim visitados remetem às memórias e trazem possibilidades de novas experiências, me nutrem poeticamente e ajudam nos direcionamentos de meus pensamentos, assim como esta, outras lembranças e experiências são de suma importância para o meu processo criativo.

3.1. Embarcações



Figura 05 - Héctor Zamora, *Ordem e Progresso* (2017). MAAT, Lisboa-Portugal. Fonte: Archdaily.

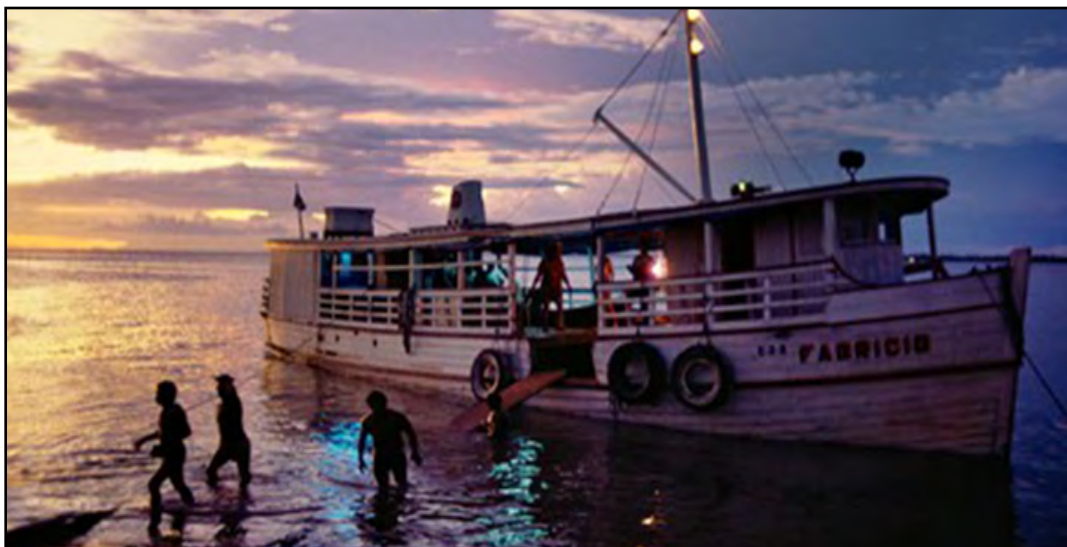


Figura 06 - Luiz Braga, *Barco no Tapajós* (1982). Pigmento sobre papel fotográfico de algodão.
Dimensões: 71 x 105 cm.

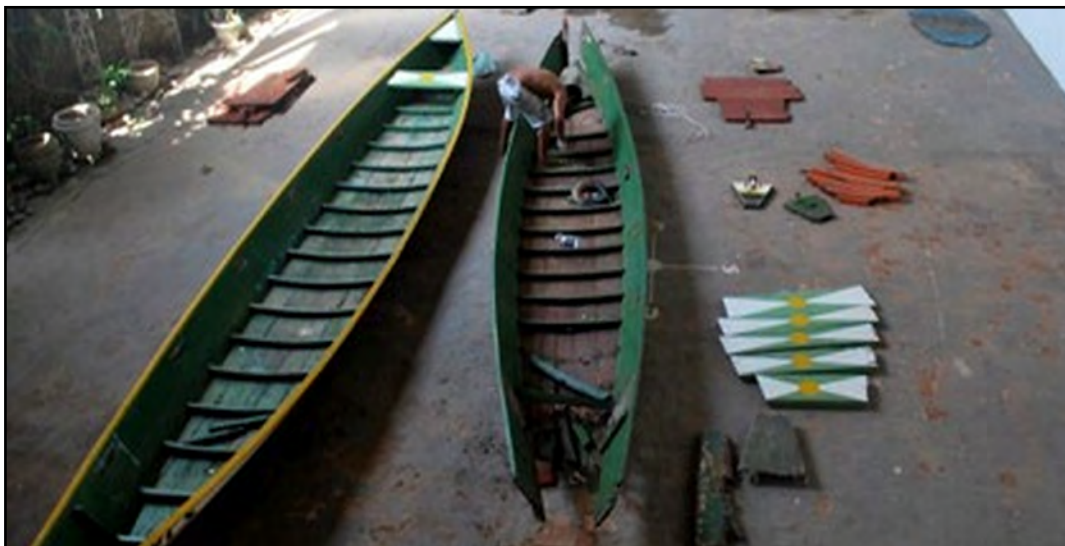


Figura 07 - Marccone Moreira, *Projeto Margens* (2013). Fonte: Fundação PIPA.

Dentre os artistas que utilizo como referência, está o artista mexicano Héctor Zamora (1974) (fig.05). O barco para ele é como matéria dentro do espaço, como por exemplo, em sua performance-instalação *Ordem e Progresso* (2017, 2016, 2012), trazendo um novo sentido para questões políticas, sociais e culturais.

As embarcações representam em si a história das civilizações, das colonizações, das conquistas, dos sonhos, da fuga, do encontro, da sobrevivência, enfim, das viagens! Zamora carrega em sua bagagem, os seus barcos e dentro deles a sua imaginação e as suas inquietações e, a cada abrir de mala, ele dispõe seus objetos-barcos recontextualizando e resignificando os lugares e transpondo para o barco tantos outros lugares, que são o mesmo e o diverso concomitantemente. O barco é o espaço da experiência plural e complexa. (BARACHINI, 2018, p. 100)

Então o barco se torna um lugar e um não lugar ao mesmo tempo, na medida em que ocorrem os deslocamentos dentro do objeto que flutua para direções distintas, as quais as relações se tornam efêmeras, cheias de significados, imaginações, numa experiência complexa entre o coletivo e o individual. São elementos que também proponho em meus trabalhos assim como observo e vivo em minhas viagens.

Também trago para esta conversa o trabalho do paraense Luiz Braga (1956) (fig. 06) no que diz respeito ao seu trabalho fotográfico em relação aos barcos, e tudo o que envolve este. O ato do seu deslocamento e viagens pelo cenário ribeirinho, a identidade que ele atribui à paisagem visitada. Para Mokarzel (2014, p.43), Luiz Braga “transita por uma Amazônia em que é possível perceber os lugares e as pessoas do cenário ribeirinho, dos bairros periféricos.” Assim como utilizo em minha produção ao qual se tornam inerentes os deslocamentos e os registros das paisagens:

Braga subverte o olhar fotográfico, pois fica evidente que ele utiliza e conhece muito bem os recursos fotográficos, ao mesmo tempo, em que usa as máquinas tradicionais, além disso, lança mão da máquina digital. Porém a tecnologia é apenas um recurso dominado e utilizado por ele para interpretar a paisagem e o (a) amazônida, e essa interpretação passa pela luz e trata-se da luz ambiente, da luz de Luiz Braga, aquela que o artista consegue transferir para a obra, a partir da estética que adota. Uma luz que ele espera para fotografar e que se torna singular, uma forma simbólica de traduzir o que vê. (MOKARZEL, 2014, p.43)

Junta-se a ele o artista natural do Maranhão, Marccone Moreira (1982) (fig. 07), cujo trabalho se dá por desenhos, pinturas e objetos dos próprios barcos em sua poética. Nela, mostra significados como a relação de quem constrói os barcos, desde seu esboço até a sua concretização e “muitos conhecem de perto os esqueletos dos barcos, os construtores e os navegadores, os cavernames, que dão forma ao casco das embarcações (MOKARZEL, 2014, p.45).”.

Enquanto Marccone Moreira “caminha por uma Amazônia dos vestígios, da arqueologia dos caminhos, dos barcos, assim, navega pela paisagem móvel, insere-se nos movimentos, debruça-se no material que, usado, foi abandonado nas estradas e nos rios (MOKARZEL, 2014, p.43)”, traço uma relação com meu trabalho na maneira em que os barcos são tratados de forma íntima e singular. Em 2018, trabalhei como ajudante de pintor num barco empurrador de balsa, essa experiência mesmo que rápida - com apenas 3 semanas -, pude firmar uma relação de fato com o barco e o rio de uma forma mais duradoura. Foram até hoje as viagens mais longas, ao mesmo tempo em que trabalhava pintando o barco, conheci e pude conviver com os trabalhadores das embarcações e entendi muito do que envolve isso na região do baixo-amazonas.

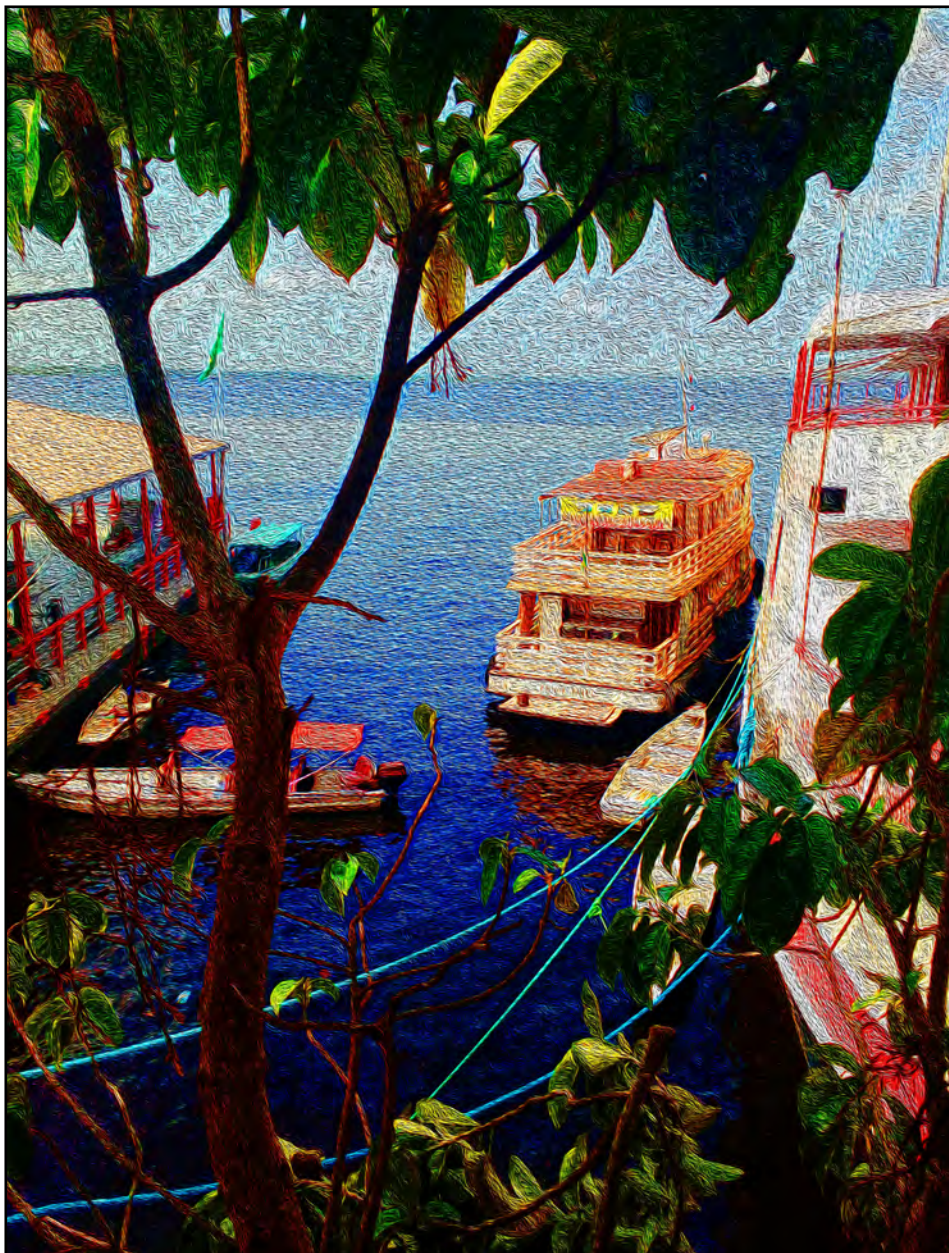


Figura 08 - Maxi Rodrigues, *Terminal Ajato* (2021). Fotografia com *smartphone* e manipulação digital.
Dimensões: 31,5cm X 42cm.

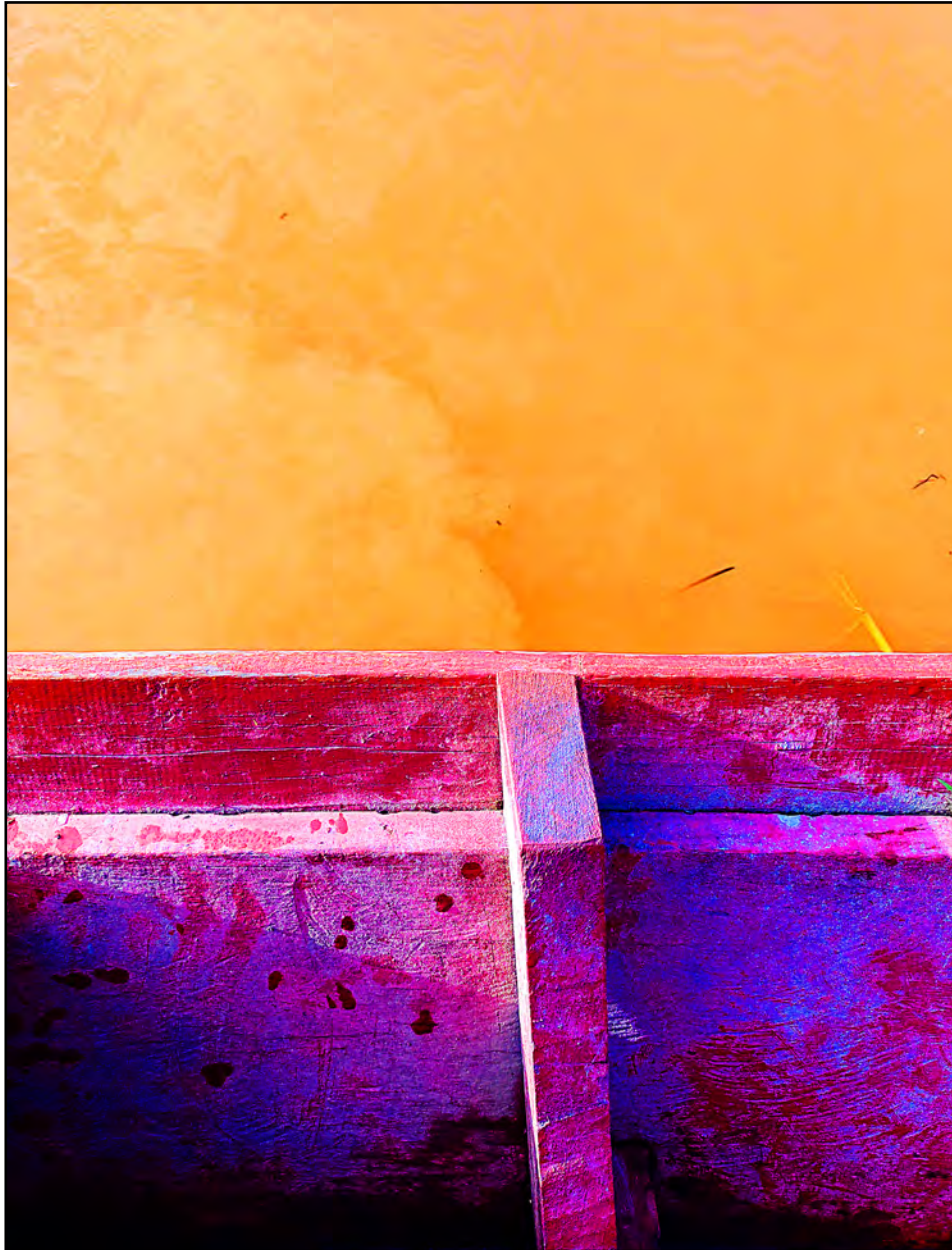


Figura 09 - Maxi Rodrigues, *Água de barro* (2021). Fotografia com *smartphone* e manipulação digital.
Dimensões: 31,5cm X 42cm.

A cor dos rios exalta uma beleza rara e aumenta o pensamento sobre a sua preservação, assim como, o reflexo da luz e o espelho d'água traz consigo algo que para mim diz muito sobre o peso da relação com a população. A captura de imagens pela câmera do *smartphone* permite, ao caminhar pela cidade, coletar imagens que se revelam imediatamente, da mesma forma que o ambiente natural e o cotidiano ribeirinho podem ser captados e as formas da água na floresta transformadas pelo olhar particular sobre esta mesma paisagem.

Uma série de trabalhos que produzi durante o mestrado remete diretamente aos rios e suas embarcações, enquanto elementos que se completam (fig. 08). Ressalto nestas composições características dos rios, tais como o movimento, a cor, o reflexo e a transparência das águas e as embarcações como o barco e a canoa, tanto na margem quanto no meio do rio.

A cor da água de barro reflete em mim uma relação com rio Amazonas desde minhas memórias mais antigas, as viagens de barco ou de canoa, a ida de meu pai em suas viagens a trabalho, a própria lembrança das visitas à comunidade ribeirinha da qual minha família veio e a contemplação do rio em frente à cidade de Parintins. Tudo isso foi construindo em mim uma relação da qual faz parte e se torna inerente ao meu processo criativo.

As águas barrentas ou douradas, quando a luz do sol as beija, se torna um dos elementos essenciais dentro do meu pensamento poético. Os barrancos caídos fazem barrenta a água do rio Amazonas. A argila, quando tocada, se desmancha dentro d'água e surge como espécie de fumaça. A água de barro das terras caídas do rio Amazonas me traz múltiplas sensações, como medo do perigo iminente e, simultaneamente, a conexão com a natureza. O ato de pisar na beira do rio é essencial para mim, mesmo com o receio da água turva, que por sua vez, guarda muitos perigos ocultos. As canoas então se tornam o transporte não só de coisas, mas de sentimentos, ações, sonhos e realizações.

Torna-se evidente a coloração, por exemplo, do barro, das folhas da vegetação que cresce ao redor e surge no meio da água. Com a imagem *Água de barro* (2021) (fig.09), pude trabalhar com o resultado *wave* de uma forma sutil na parte superior da imagem, além de destacar as cores e o resultado da luz. O recorte da canoa mostra uma visão de dentro, atracada na margem do rio. Percebo as cores das canoas, o envelhecimento, e texturas que contam histórias das inúmeras viagens que ocorrem todos os dias e das relações que flutuam sobre as águas. Observo os donos das canoas, as viagens, as pessoas, escuto histórias e nelas me inspiro. Torna-se inerente ao amazônica a garantia da preservação ou conservação do lugar, sem destruição de suas paisagens, de suas águas e de sua floresta, pois delas se extrai o sustento. Ao mesmo tempo, projetos de grandes empresas, ao se instalar e ocupar áreas da região, destroem o entorno. Prestes afirma que:

para os moradores do entorno da referida paisagem, o lugar possui importância para a pesca, a agricultura e o turismo, elementos essenciais para sua subsistência. No entanto, estas pessoas estão prestes a ver sua fonte de vida ser ocupada por uma estrutura de concreto armado e a intensificação de circulação de navios, contêineres e caminhões com a possível instalação de uma terminal portuário de cargas. (PRESTES, 2020, p.18)

As imagens geradas são como convites para entrar em minhas capturas fotográficas, ao mesmo tempo em que são uma síntese poética do olhar próximo daquilo que é observado por mim. Uma viagem pela memória afetiva, uma junção das sensações, como pisar na margem das águas, no mato, tocar com a mão no rio ao navegar de canoa, sentir os cheiros, o vento, o calor, a chuva em uma única linguagem, a visual através da imagem digital.



Figura 10 - Maxi Rodrigues, *Canoa Imaginária* (2021). Fotografia com *smartphone* e manipulação digital.
Dimensões: 31,5cm X 42cm.



Figura 11 - Maxi Rodrigues, *Reflexo de Cenário Ribeirinho* (2021). Fotografia com *smartphone* e manipulação digital. Dimensões: 42cm X 13cm.



Figura 12 - Maxi Rodrigues, *Tríade* (2021). Fotografia com *smartphone* e manipulação digital.
Dimensões: 31,5cm X 42 cm.

Em *Canoa Imaginária* (2021) (fig. 10), pude aplicar o resultado *glass*, criando formas curvas e distorções onde ressalto o movimento do banzeiro ao preencher toda a imagem, além de colocar a cor vermelha na canoa e a cor laranja para enfatizar o nascer e pôr do sol. Já em *Reflexo de Cenário Ribeirinho* (2021) (fig. 11), faço o rebatimento da imagem, marcando a divisão da tela, o foco em dois elementos que se unem ou se separam. Aplico transparência e o efeito *linear light* e trabalho com as cores de forma difusa. Outros elementos importantes para o meu trabalho são os movimentos do rio, o banzeiro e as gotas de chuva. Nestes trabalhos, optei por trazer estes elementos a partir da manipulação da imagem digital no computador, de forma mais sutil, para ser algo simbólico. O porto, a ponte e a margem são algo natural para o amazônida, não só para partir em uma viagem, mas para atracar a canoa, revigorar a energia do corpo ao banhar-se nas águas trazidas pelos rios saudáveis.

Para Soares (2019, p.5) pode-se observar as “singelas canoas, barcos de diversos tamanhos, gigantescas balsas, [que] não param de cruzar por essas populações que testemunham o movimento de ir e vir” e nos lembra de que em “muitas casas os moradores – recostados em portas e janelas – contemplam as embarcações. Das embarcações são admirados.” Há um contraste nítido entre a simplicidade da vida ribeirinha com canoas e pequenas embarcações, em relação às grandes balsas e navios das empresas. Exemplo desse contraste pode ser observado no movimento do banzeiro causado pelas grandes embarcações que balançam canoas e pequenos barcos, além de apresentar por vezes perigo de naufrágio aos mesmos.

Nos trabalhos apresentados neste capítulo, optei por manipular as imagens como únicas ou como duplicadas, em rebatimento ou reflexiva. Também utilizo cópias da imagem sobreposta em seu contrário, trazendo os reflexos junto com as transparências. Na *Tríade* (2021) (fig. 12), trabalhei com o resultado

linear light, com a saturação das cores para destacar um maior nível de luz e com a composição dos elementos em diagonais.

Com as fotografias digitais, consegui trabalhar a maleabilidade da imagem, não só a textura, a luz, a transparência e as cores com uma saturação forte, mas, principalmente, consegui formular uma ideia a partir da desconstrução da captação da realidade, através da multiplicação da imagem digital e/ou a subtração, e/ou transformação dos *pixels*. Na produção dos trabalhos, construo cenários onde proponho reflexão sobre relações profundas e efêmeras com as águas amazônicas.



Capítulo 4 - Paisagens imaginárias

A paisagem amazônica traz para muitos o ar bucólico através de representações romantizadas, nas quais a figura do viajante é colocada como aquele que descobre lugares novos e pratica caminhadas pelas margens dos rios diante de um cenário intacto. Para Beltrão (2021, p.25-26) a “paisagem e lugar vivido interagem numa relação existencial, com narrativas que expressam os anseios e necessidades de conhecer e penetrar na essência de um mundo desconhecido para o europeu”, vivenciada por seus primeiros viajantes e “cujas interpretações da realidade social e cultural encontradas formam um quadro particular onde meio ambiente fantasia e mitologia se misturam nesta fantástica experiência humana”.

O imaginário leva ao pensamento de uma paisagem, em sua maioria, como uma Amazônia bucólica, onde tais poéticas podem representar o imaginário de maneira a não existir problemas e defeitos para o povo amazônica ribeirinho. Entretanto, as minhas viagens e descobertas trazem à tona o contraste entre o intocável e o destruído. Utilizo tais características para recriar a paisagem dentro de um mundo particular, ao mostrar não somente as belezas, mas também as ações negativas do homem. Para Loureiro (1995, p.70) a cultura amazônica é resultado da “subjetividade, no inconsciente coletivo e dentro das peculiaridades próprias da região, motivações simbólicas que resultam em criações que estreita, humanizam ou dilaceram as relações dos homens entre si e com a natureza”, natureza da qual “ele retira não apenas sua subsistência material, como também espiritual.” O encontro das águas, como ato inspirador de ideias e pensamentos, partidas e chegadas, uma dicotomia aquática entre dois lados, duas cores e patrimônio cultural e natural.

O Encontro das Águas dos Rios Negro e Solimões situado nas proximidades da cidade de Manaus/Am, foi tombado em 2010 como patrimônio cultural e natural, porém nos dias atuais é objeto de uma disputa judicial que envolve os Governos Estadual e Federal, o Ministério Público Federal e a empresa Lajes Logística S/A, sendo que em dezembro de 2020, a Excelentíssima Ministra do Supremo Tribunal Federal (STF) Carmen Lúcia suspendeu por 60 dias as ações que questionam e pedem a homologação do tombamento do maior cartão postal do turismo na região. (PRESTES, 2021, p.2)

Prestes (2020, p.18) reitera a importância regional ao afirmar que “para além de ser uma paisagem natural de beleza singular tem profunda importância em múltiplos aspectos socioculturais no Amazonas.” A vinda de Parintins com as águas douradas do rio Amazonas e o encontro com o Rio Negro, traz sempre um sentimento muito forte de conexão ao chegar a Manaus, pois ao adentrar as águas escuras, se sabe que se está próximo ao porto. A presença do rio é inquestionável, porque “permanece inserido no contexto da paisagem amazônica” e é mais do que um simples elemento visível, “sendo impossível separar sua existência como algo imperceptível, pois tudo converge numa interação entre rio, fauna, flora e habitantes do lugar (BELTRÃO, 2021, p.27).”.

O encontro dos rios se torna uma atração à parte, pois as pessoas de dentro dos barcos se deslocam para ver tal fenômeno e a grande extensão que dá visibilidade a paisagem frontal da cidade de Manaus, com o cenário composto de favelas de palafitas na beira do rio, em contraste com os portos particulares ou de grandes empresas. A cada viagem que faço percebo uma maior maturidade poética ao observar o cotidiano e cenas corriqueiras dentro deste contexto.

Na viagem pelo Rio Amazonas a relação com o tempo é distinta da que ocorre nas grandes cidades. A duração do deslocamento pode inicialmente parecer cronologicamente extensa, mas no tempo amazônico é a mais adequado para, deslizando sobre o rio, apreciar as margens, a floresta, o céu, enfim, a grandiosa paisagem cultural. (...) As margens do Amazonas são impactadas pelos ciclos de vazante, seca, enchente e cheia. (...) O Amazonas, com a força das suas águas, permanentemente transforma a paisagem natural. Redefine as dimensões dos canais; altera o traçado de suas águas; expande e reduz a floresta; cria ilhas, praias e lagos temporários. (SOARES, p.2-3)

Observo o rio com os seus igarapés, furos e paranás. Hora a margem parece estar maior, hora menor, relativizando a minha relação com os lugares. Em períodos de vazante o rio enche, e podemos observar as casas dentro do rio, algumas têm a sorte de não serem invadidas e seus moradores permanecem, outras são abandonadas. Mudam as configurações da paisagem, o cenário ribeirinho e a frente das cidades em cada ciclo de chuvas.

O rio parece um mar de tão grande. A vegetação é farta. Algumas árvores, monumentais. As construções ribeirinhas – alvos irresistíveis para registros fotográficos – impactam pela aparente fragilidade e pequenez em meio à espantosa vastidão da paisagem local. São provas da engenhosidade construtiva e resistência da população. As palafitas parecem flutuar ao nível da água que lhes serve de espelho. (SOARES, 2020, p.5)

Junto aos rios, a imensa floresta traz consigo árvores centenárias, histórias, mitos e lendas. Sua grandiosidade contrasta com as moradias das comu-

nidades ribeirinhas, com as palafitas que se renovam com madeiras novas na temporada de construção e a cada grande cheia aumenta a altura das suspensões. Mesmo em lugares onde as casas não são flutuantes, a proximidade com as águas leva o olhar a imaginar que flutuam nos seus reflexos no espelho d'água, refletindo a vida em ciclos, cores e formas. Outro exemplo é a paisagem formada com a linha do horizonte entre floresta e rio, lago ou igarapé, onde o céu completa o cenário típico, reforça as simbologias, lendas e o imaginário e interliga a imagem da Amazônia e em sua representação.



Figura 13 - Moacir Andrade, *Bairro Educandos* (1990). Óleo sobre tela. Fonte: ANDRADE, 1992.

No trabalho do artista amazonense Moacir Andrade (1927-2016) (fig. 13) observa-se a questão no cotidiano dos moradores das palafitas. No seus deslocamentos ele observou a relação das pessoas com os lugares na cidade, paisagens peculiares que se moldam a partir da intervenção de seus moradores em con-

junto com a natureza, tanto no ambiente urbano da cidade de Manaus quanto em outras cidades do Amazonas. Valter Frank Mesquita Lopes (2020) nos lembra que

os vários estilos de Moacir Andrade compõe uma organização de pensamento sobre a vida social do homem amazônico, como facetas de um mesmo organismo sociocultural, tanto a arquitetura urbana da cidade de Manaus e os seus modos de vida e de ocupação do espaço urbano, como também o imaginário, constituem formas de viver e enxergar o mundo a partir de uma dinâmica típica da região e dos modos de vida da cidade de Manaus e do interior do Amazonas. (LOPES, 2020, p.3319)

A partir das observações sobre os modos de vida, experimentando e vivendo a cidade e a natureza para compor imagens, como fez Moacir Andrade, traço uma relação dos meus deslocamentos inerentes ao pensar e ao fazer artístico, assim como se faz o homem amazônico, onde a cidade

se converte em paisagem para o *flâneur*, chamando a atenção dele. Ele experimenta a cidade como um fenômeno criativo. É o mercado, a multidão, o coletivo preenchendo os espaços. Ele lê os rostos, conhece a profissão, a origem, o caráter das pessoas. (LOPES, 2020, p. 3319)

Cabe a mim a preocupação de observar os aspectos naturais amazônicos, retratar a paisagem tal como a vejo ou a imagino ou, ainda, como a quero, sem esquecer da influência que trago com as minhas memórias afetivas, ao descrever meus percursos cotidianos e as minhas viagens, através da minha produção artística.

O real e o imaginário se entrelaçam, na medida em que o ciclo de mudan-

ças ocorre, e as histórias passam a fazer parte do cotidiano e da realidade, como os mitos e mistérios da floresta e da mudança constante dos rios, que por sua vez guardam segredos, memórias e temores para a Amazônia e “ao penetrar no emaranhado dos rios - que se alargam, mudam de cores e profundidades, exibem e escondem perigos - desse mundo que parece não ter fim, se dá conta do real enquanto uma vaga forma de imensidão que se confunde com o imaginal” (LOUREIRO, 1995, p.96). Para Loureiro (1995, p.98) existe um limiar entre aqueles que frequentam mais a floresta e aqueles que se relacionam mais com a água, “dois tipos antropogênicos vinculados às atividades provenientes das relações com a floresta e o rio.”.

O que se percebe na relação do homem da Amazônia é a conexão com as coisas, desde um simples ato de respirar, sentir a terra nos pés e beber da água, conexões sutis, mas de certa forma deslumbrantes. Algo que inspira poeticamente e dá sentido à vida. Para o ribeirinho, existe uma relação intrínseca com este lugar, essa Amazônia, como moradia, como alimento e deslocamentos.

4.1. Série Pequenos Planetas

O ar de mistério em relação à paisagem ainda continua despertando o interesse em explorações na fauna e flora, na tentativa de se descobrir, cada vez mais, o máximo de conhecimento acerca da região, dos povos que a habitam e a floresta. Daí a importância de sua preservação num sentido de proteger para que aquilo que se vê se conhece, e onde vivemos não se acabe.



Figura 14 - Maxi Rodrigues, *Rio Negro Planeta* (2020). Fotografia com *smartphone* e Manipulação digital.
Dimensões: 30 cm X 30 cm.



Figura 15 - Maxi Rodrigues, *Parintins* (2021). Fotografia com *smartphone* e Manipulação digital.
Dimensões: 30 cm X 30 cm.



Figura 16 - Maxi Rodrigues, *Igarapé* (2020). Fotografia com *smartphone* e Manipulação digital.
Dimensões: 30 cm X 30 cm.

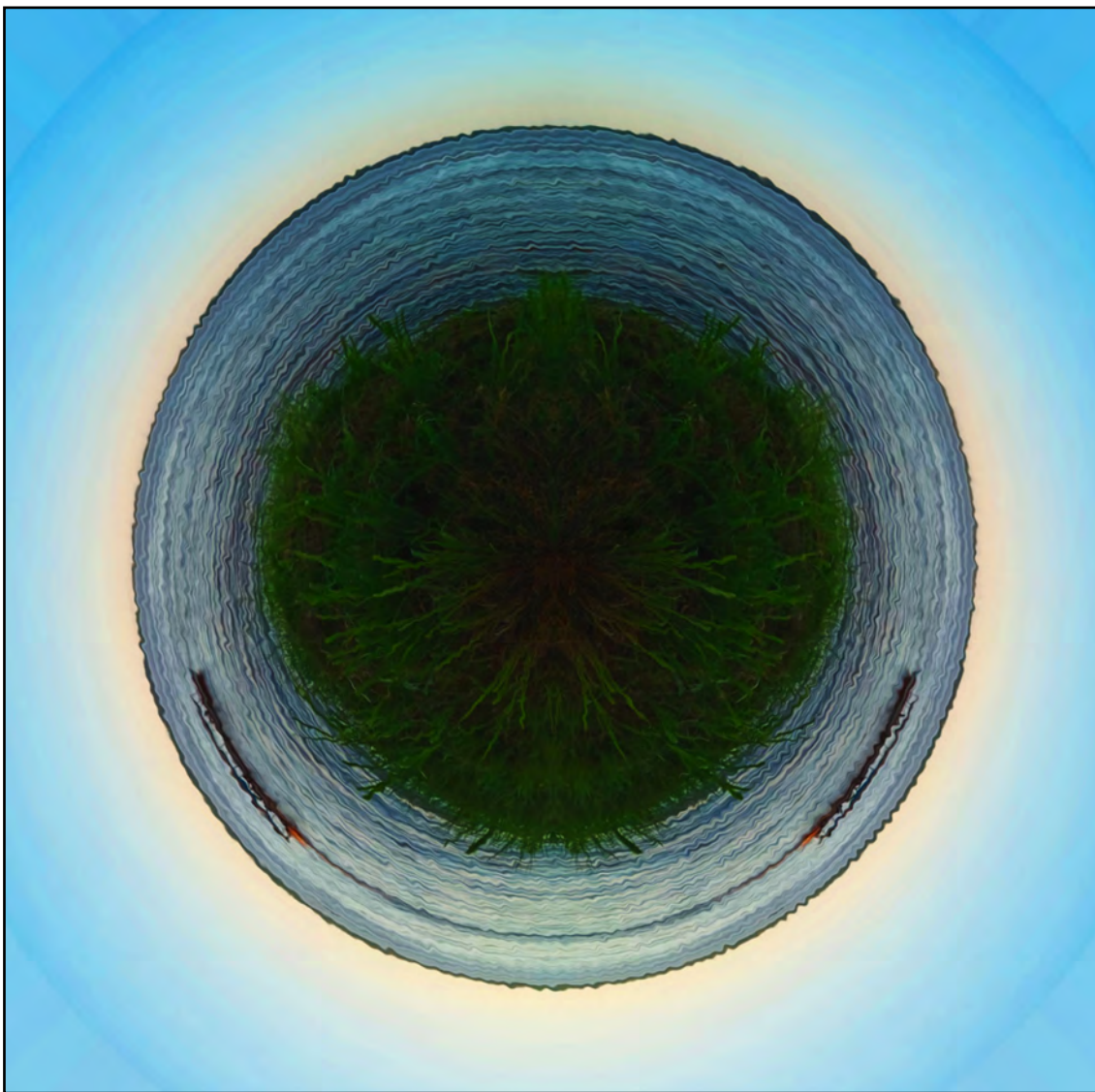


Figura 17 - Maxi Rodrigues, *Rio Amazonas* (2020). Fotografia com *smartphone* e Manipulação digital.
Dimensões: 30 cm X 30 cm.



Figura 18 - Maxi Rodrigues, *Comunidade Planeta* (2021). Fotografia com *smartphone* e Manipulação digital. Dimensões: 30 cm X 30 cm.

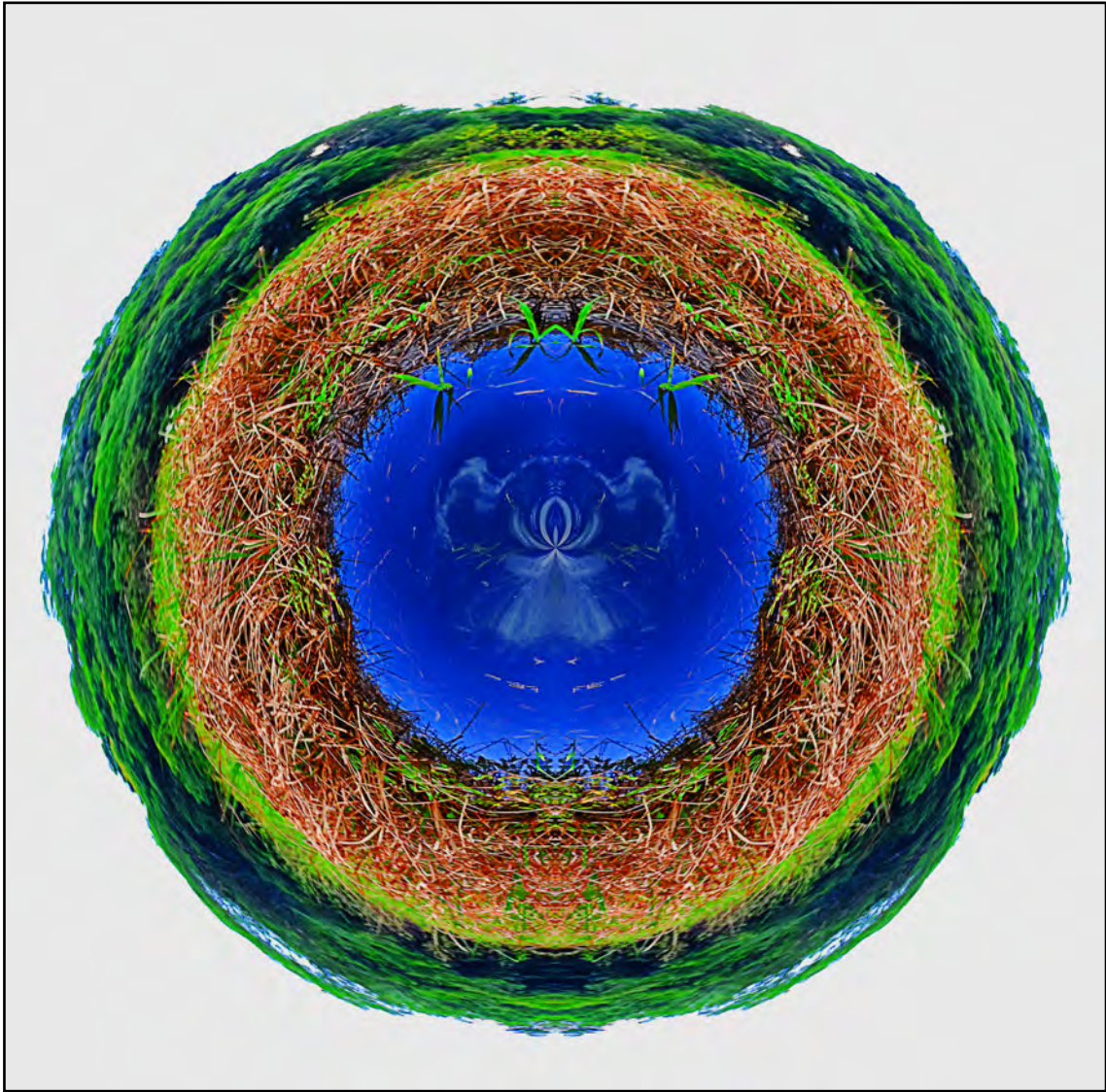


Figura 19 - Maxi Rodrigues, *Massauary circular* (2021). Fotografia com *smartphone* e Manipulação digital.
Dimensões: 30 cm X 30 cm.

A questão dos grandes mistérios da paisagem amazônica – que sempre despertou o imaginário dos “colonizadores”, ainda desperta e vai despertar por muito tempo o interesse dos povos de outros países em sua exploração, muito mais do que por uma necessidade de se pesquisar a fundo e preservar esse ambiente amazônico – é a necessidade de continuar descobrindo as riquezas da fauna, flora e diversidade cultural dos povos que ainda hoje vivem na região amazônica. (BELTRÃO, 2021, p.24)

A série *Pequenos Planetas* surge como uma maneira de falar através das imagens sobre os meus lugares na Amazônia e demonstram o quão vasto e peculiar é a forma como eles se apresentam. As imagens mostram dentro da sua forma um ciclo, e as cores representam estes lugares simbolicamente. A relação da água com a terra, com as árvores, com a vegetação, com o céu e com o rio/água no centro ou circulando ao redor como mote principal.

A criação de um imaginário da paisagem amazônica me permitiu modelar sobre isso de forma em que a imagem distorcida representa parte de meus pensamentos sobre essa Amazônia a qual vive dentro de mim. Os lugares e a maneira em que são retratados falam de si e de meu olhar sobre eles.

Os trabalhos da série *Pequenos Planetas* se caracterizam pela forma circular central dentro de um formato quadrado. Há um reflexo da imagem digital, uma cópia da mesma ao contrário para que aconteça tal desdobramento. Essa técnica simboliza elementos essenciais, como rios, igarapés e lugares da Amazônia pelos quais me desloco. Síntese daquilo que investigo, pequenos planetas, como lugares únicos em um mundo particular, ciclo de vida, um mergulho nas cores, reflexos e movimento do banheiro dentro de cenários imaginários.

A imagem para o trabalho *Rio Negro Planeta* (2020) (fig. 14) foi capturada em frente à cidade de Manaus, para o *Parintins* (2021) (fig. 15), no porto da cida-

de de Parintins, para o *Igarapé* (2020) (fig. 16), no igarapé do Bairro Alvorada em Manaus, para o *Rio Amazonas* (2020) (fig.17), na frente da cidade de Parintins e para o trabalho *Comunidade Planeta* (2021) (fig. 18) e *Massauary Circular* (2021), foram realizadas próximo à cidade de Boa Vista do Ramos.

Rio Negro Planeta (2020) (fig.14) mostra o rio em frente à cidade de Manaus, do outro lado, depois da ponte de acesso a esse outro lado. De maneira particular, minha relação com o rio negro se deu quando vim morar em Manaus em 2020. Por ser de uma cidade menor, onde um rio também corre em frente, permanece em mim esse costume de “olhar o rio”. Outro fato importante se dá quando em minhas viagens tanto a compromisso quanto a passeio, procuro observar o rio de vários aspectos, em horários e maneiras diferentes, como por exemplo, a chegada e saída das embarcações no porto de Manaus.

Em *Parintins* (2021) (fig.14), destaco a minha cidade, meu lugar, onde eu nasci, cresci, aprendi e que faz parte das minhas memórias. Elementos essenciais como o rio, o porto e os barcos, não só pra mim, como para os moradores da cidade, que estão acostumados com a chegada de embarcações todos os dias. Onde o porto se faz o principal meio de acesso de embarque e desembarque de passageiros. A visão que tenho ao sair de Parintins e ao chegar é justamente do porto. A saudade que sinto dela é tão grande quanto do rio que corre à sua frente.

Já *Igarapé* (2020) (fig.16), foca no contexto ambiental ao qual me preocupo, a questão da poluição dos rios e igarapés. As cores verdes ao redor da vegetação combinam com os tons da água poluída onde as pessoas moram em suas palafitas. O que se repete em outros locais dentro do cenário de habitações irregulares em Manaus.

Rio Amazonas (2020) (fig.17) é um outro ângulo de Parintins, de frente para o Rio Amazonas, numa ligação inerente da cidade com o rio, onde os barrancos da frente da cidade caem se tornando menores. É o rio que devora as terras e dela surge a sua coloração. O movimento do banzeiro completa a imagem junto ao barco,

como numa paisagem natural e a vegetação representa a cidade rodeada de água.

Comunidade Planeta (2021) (fig.18) significa o sentido das casas que formam a comunidade. Casas simples, feitas com madeiras retiradas da floresta próxima. O porto em frente, com as embarcações de pequeno porte, se transforma num cenário corriqueiro do amazônida. Elementos essenciais como rio, floresta, céu e casa dentro de uma única ligação. Um elo amazônico real e imaginário.

Massauary Circular (2021) (fig.19) representa os lugares intocáveis, onde os protetores são os ribeirinhos, as famílias e as futuras gerações. Rios, lagos e igarapés que ainda não foram profanados. Este se forma pelas vegetações aquáticas, com sua vida submersa de animais e plantas, e a floresta, com seu ciclo natural, seu verde vivo. Ocorre uma centralização de objetos, lugares com foco na junção da cópia das fotografias, com divisão circular de linhas, tanto das margens quanto pela linha do movimento das águas. Uma sintetização de um pensamento ligado à memória afetiva, onde tais lugares provocam uma forte lembrança por visitas rápidas, mas de certa forma marcantes. Dentro de uma relação que se cria, intermediada pela água, rio, floresta, tento criar um universo peculiar e íntimo, onde, apesar de eventos e situações efêmeras, os laços que representam os ambientes são enormes, e em algum sentido, indestrutíveis. Sejam estes lugares os meus, ou os lugares onde meus avós e pais já moraram, sinto-me como os primeiros viajantes que foram “impulsionados na descoberta de novos caminhos, rotas e conhecimentos geográficos” com seus registros narrativos sobre as paisagens (BELTRÃO, 2021, p.24).

Observo o Amazonas, o grande rio, que dá nome a essa região e no seu interior carrega a vida aquática, os mitos e lendas, e na sua superfície carrega o viajante e serve de inspiração para os artistas, mas por outro lado, as águas são envenenadas diariamente com o lixo cotidiano, problema esse que considero de suma importância trazer para o foco, sobretudo pelo viés da arte as águas ama-

zônicas, pois a água é um dos elementos principais da minha pesquisa, além de nutrir o caboclo de todas as maneiras.

Durante as viagens, há de se pensar, com olhar urbano, nas dificuldades encontradas na vida ribeirinha e sobre os seus deslocamentos até as cidades para poder sacar o seu dinheiro ou comprar a sua cesta básica de alimentação. Portanto, é necessário olhar o isolamento e a pobreza dos ribeirinhos a partir da complexidade das relações que coexistem entre os diferentes lugares, desde o trabalho até a contemplação da paisagem amazônica, com todos os seus elementos. Dessa forma, por meio da lentidão, própria da viagem de barco, mesmo não pertencendo a esse lugar, posso perceber os muitos elementos comuns aos nativos destas localidades. Por esta razão, faço este exercício de poder observar, com mais profundidade, o que a paisagem mostra. Assim como Soares (2019, p.5) “tanto na ida como na volta do percurso Manaus-Parintins, as construções ribeirinhas [são] elementos marcantes da viagem. Presença humana emoldurada pelo rio, pela floresta, pela chuva, pelo sol, pelo céu.”

Procuro através da arte e de minha poética ligada à água e as lembranças de um ambiente ribeirinho familiar, um convívio em paz com a natureza, uma maneira de mostrar as paisagens diluídas, imagem daquilo que se observa nos dias de hoje com preocupação de olho no futuro. Paisagem ribeirinha e urbana, mesmo que não seja a que mais agrada aos olhos.

4.2. Série Fragmentos

Inúmeros sentimentos cercam a atmosfera na Amazônia, desde o ponto de vista da viagem de barco, com os diferentes caminhos na floresta, entre a per-

cepção daquilo que é real, o imaginário ou mesmo do que está resguardado pelas memórias de narrativas diversas.

As narrativas sobre a paisagem na Amazônia estão inseridas em um contexto próprio, formado pela beleza da diversidade da fauna e flora e exuberância dos rios, lagos e paranás, formando um quadro específico da vida com sua dinamicidade e particularidade que são registradas pelos primeiros viajantes, pois suas percepções perante um mundo novo estimulam a fantasia e criatividade na escrita e forma de comunicar suas impressões e descobertas. (BELTRÃO, 2021, p.29)

A série *Fragmentos* (2021) representa um período de deslocamentos feitos na Amazônia, especificamente entre Manaus, e as cidades de Rio Preto da Eva e Presidente Figueiredo, que são próximas à capital amazonense, com acesso por estrada, e Parintins e Terra Santa - PA, cidades próximas, na região do baixo-amazonas, onde o acesso se dá por embarcações. A ideia inicial se deu por me deslocar e capturar imagens que mostravam a paisagem dos lugares numa relação forte com a água, e conhecer a maneira com que cada região lida com os fenômenos naturais e o contraste entre os elementos urbanos e a natureza.

Durante esta pesquisa observei, em Parintins, lugares onde a cheia afetou a vida daquelas que moram próximo às áreas de alagamento. A estrutura anual das marombas, pontes de elevação para acesso aos lugares necessários. A mobilidade diante dos espelhos d'água, em sua maioria poluídos, é reflexo da ação nociva contemporânea da sociedade. Após a coleta do material e dos deslocamentos, fiz uma seleção com imagens dos lugares. Dez imagens para poder trabalhar e diluí-las com o resultado aplicado "*Lighten*" e "*Tiles*", onde as imagens

são fragmentadas com cópias a deslocar-se. Além disso, pensei na mesclagem junto às capturas de tela do Google Maps. Então o destaque de fortalecimento da cor de acordo com a luz do sol se dá sobre a água. Outro resultado importante é justamente o reflexo das imagens em quatro partes, onde a água se fixa no centro e se mostra em sintonia num contexto com o ambiente onde se encontra.

A finalização do trabalho se deu pela publicação nas redes sociais como o Instagram (fig. 01) e Facebook.

Ao observar o entorno aquático de Manaus, pude perceber a relação da cidade com a água e com a natureza. Ao chegar de barco de viagem, observo uma imagem de margem diferente da maioria das paisagens num ambiente ribeirinho com o rio, o céu, o barranco e a vegetação. Em vez disso, temos a visualização da imensidão do rio, o céu, mas no meio da imagem, prédios e formas retangulares com tonalidades essencialmente urbanas tomam conta do centro das atenções. Então isso se torna uma peculiaridade na paisagem amazônica nas áreas urbanas, principalmente em Manaus, se comparado à maioria das cidades no Amazonas, e ao pensar como, por exemplo, nas comunidades ribeirinhas. Os fragmentos são peças que se encaixam e se soltam entre o todo da imagem. Reflexos que revelam uma topografia ribeirinha e urbana num limiar com a imagem diluída.

Já em Rio Preto da Eva, na cachoeira do “Fole”, pude me banhar e me conectar de maneira profunda com a água, num ambiente conhecido como lugar de lazer, mas, por outro lado, vejo como um deleite da paisagem amazônica, que pode ser visualizada através das viagens entre várzea e terra firme, numa conexão ancestral com os antigos povos que habitavam tais lugares.

Quando os primeiros viajantes chegaram, os povos indígenas já dominavam perfeitamente técnicas de produção, convívio com o

meio ambiente, pois perante a realidade vivenciada e em confronto com as condições encontradas no seu dia a dia era desafiado pelas circunstâncias para tomar um posicionamento de enfrentamento ou passividade, valendo-se da observação, sabia que se optasse pela passividade estaria assumindo uma atitude que colocaria em risco sua sobrevivência. Assim, optou por usar sua inteligência criativa, intervindo, modificando e enfrentando o quadro natural das coisas, conseguindo criar alternativas viáveis de convivência com a várzea e a dinâmica fluvial dos rios. (...) No processo de diferenciação entre as terras de várzea e terras firmes fica demonstrado que os povos indígenas sabiam o que era melhor para sua sobrevivência e manutenção, pois ao escolherem a várzea, estavam decidindo pelo seu futuro e continuidade da vida pelas futuras gerações. (BELTRÃO, 2021, p.44-45)

Em Presidente Figueiredo - AM, eu quis conhecer as cachoeiras, porém fui para lugares um tanto diferentes e cheios de descobertas. A caverna Maroaga permite uma conexão única com a natureza e com a ancestralidade, através da sua queda d'água, árvores que contam histórias de etnias que ali viveram, o que torna um encontro com a ancestralidade.

Na cidade de Terra Santa-PA, a viagem de lancha dura aproximadamente uma hora. Com isso, a visualização da paisagem amazônica se torna mais rápida, se comparada com uma viagem de barco. Também pude observar a enchente em frente à cidade, cuja atração turística é o seu conjunto de praias. Capturei imagens das marombas e de ruas alagadas para fazer a sua posterior manipulação, deste modo, "a imagem se compõe tanto da referência com a cena como das percepções de quem fotografou (PERES, 2015, p. 29).".



Figura 20 - Maxi Rodrigues, *Sem Título* (2021), série *Fragmentos* (2021). Imagem digital. Foto: autor.

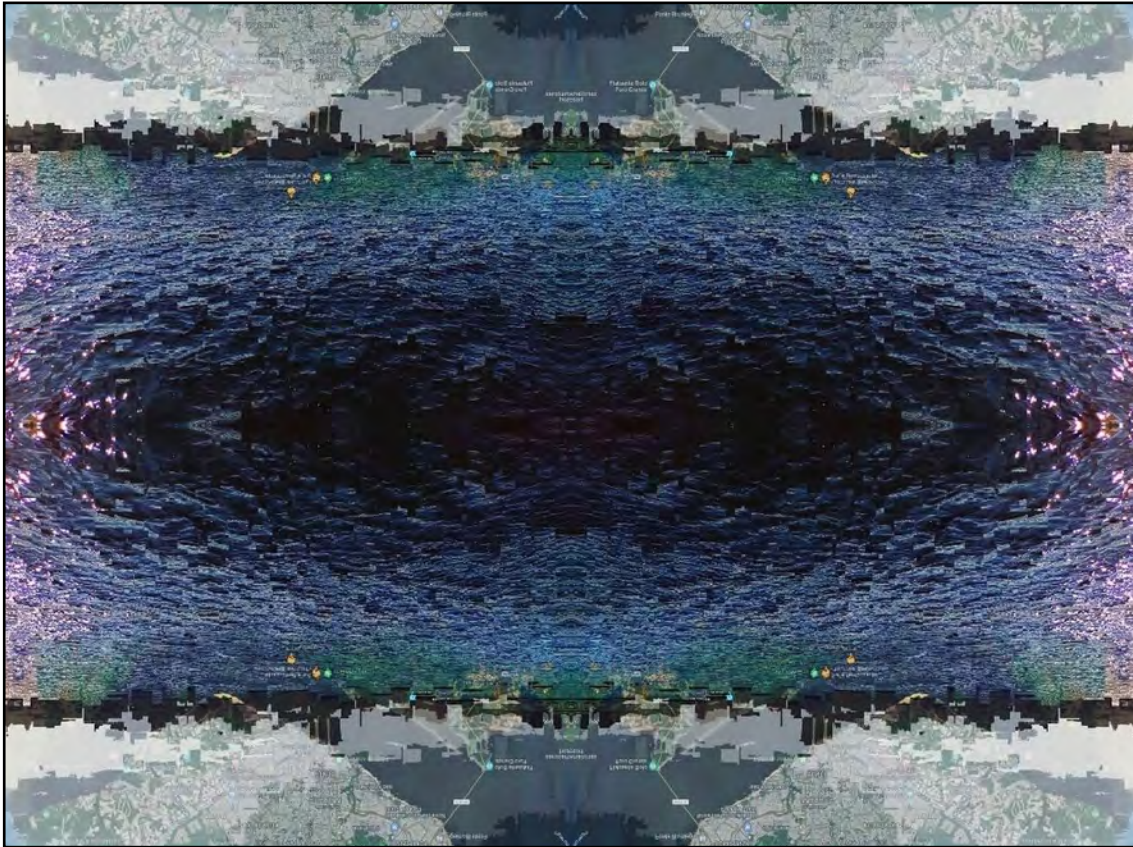


Figura 21 - Maxi Rodrigues, *Sem Título* (2021), série *Fragmentos* (2021). Imagem digital. Foto: autor.



Figura 22 - Maxi Rodrigues, *Sem Título* (2021), série *Fragmentos* (2021). Imagem digital. Foto: autor.

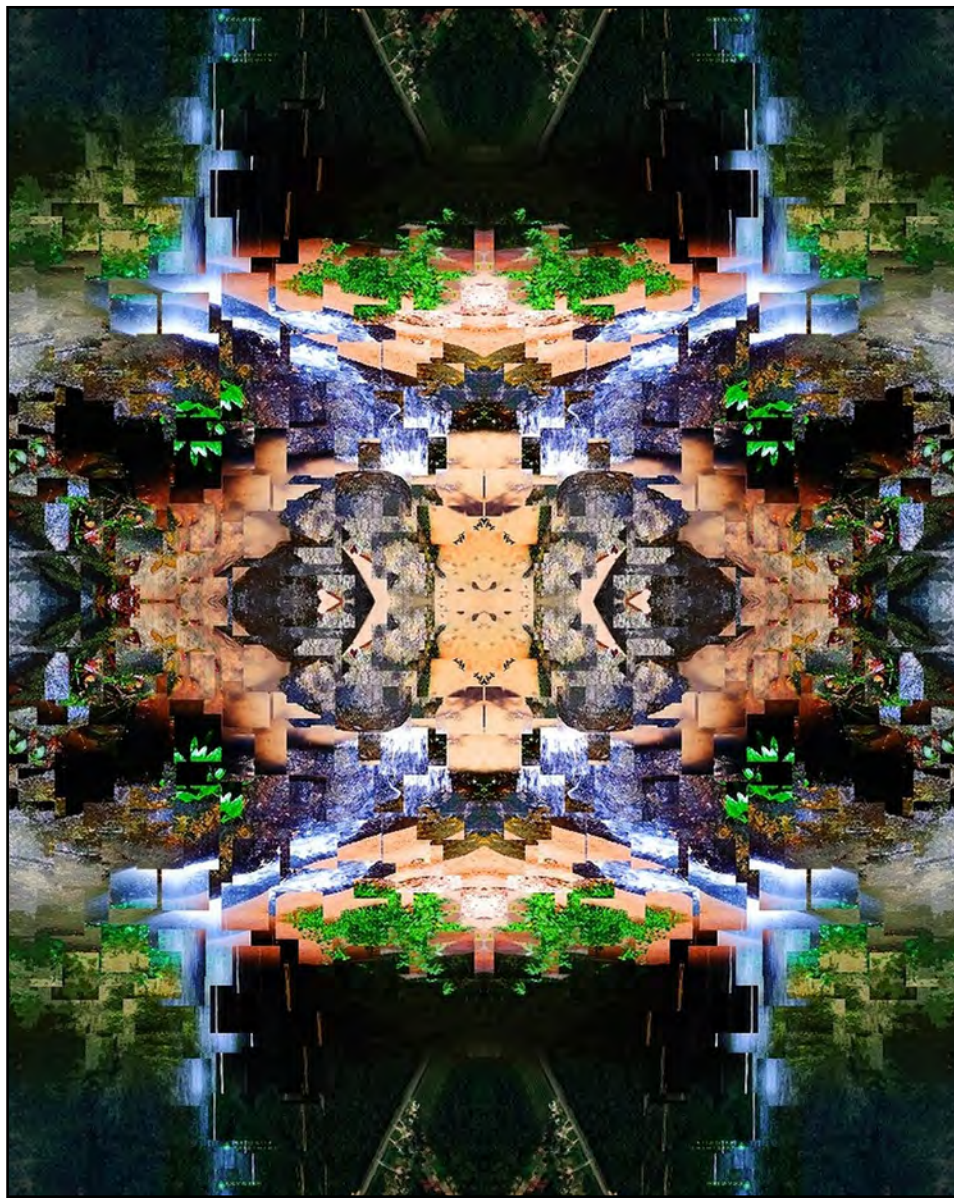


Figura 23 - Maxi Rodrigues, *Sem Título* (2021), série *Fragmentos* (2021). Imagem digital. Foto: autor.



Figura 24 - Maxi Rodrigues, *Sem Título* (2021), série *Fragments* (2021). Imagem digital. Foto: autor.

Somos parte integrante desta complexa dinâmica fluvial e, como habitantes das áreas de várzea, fazemos parte do contexto da história e construção da dos padrões de vida nos rios da Amazônia, compreendendo que somos seres interligados com as leis da natureza, pois não vivemos isolados e inertes aos acontecimentos de cada dia, propondo sempre uma forma de conviver com esperança e positividade às margens dos rios, sabendo o quanto representa para nossa existência e identidade, os valores, o modo de vida, as relações sociais e os simbolismos neste mundo em construção. (BELTRÃO, 2021, p.144)



Figura 25 - Hugo Fortes, *Amazônia Insomnia* (2018). Frame de Vídeo.

Trago como referência artística o trabalho do artista brasileiro natural de São Paulo, Hugo Fortes (1968), que tem desenvolvido esculturas, instalações, fotos, vídeos, desenhos e pinturas em relação ao pensamento de uma poética líquida, na qual ele trabalha a transparência como evidência do vazio, reflexão e refra-

ção como representação e virtualidade, flutuação como elevação e fluidez como transformação. No seu trabalho *Amazônia Insomnia* (2018) (fig. 25), percebo uma conexão com meu trabalho, na questão da temática da paisagem, na manipulação da imagem, no foco na água, e do reflexo dela. Elementos que também trabalho, assim como o rebatimento como criação de um imaginário na paisagem amazônica.

Na série *Reflexos* (2004-2006) de Hugo Fortes, destaca-se a característica da luminosidade refletida na água, a captura de imagem no momento em que se observa o lugar, o fenômeno em si. São trabalhos importantes dentro da temática da água, além dos trabalhos imagéticos, as suas instalações nas quais coloca o próprio líquido dentro dos aquários no espaço expositivo, fazendo com que a água seja o elemento principal.

É importante notar que a imagem da Amazônia foi sendo formada por meio das narrativas dos cronistas (meados do século XVI) que acompanhavam os colonizadores nas grandes viagens até esta parte do mundo. Muitas informações presentes na cronística de Gaspar de Carvajal foram fatores essenciais para as primeiras impressões da região e, conseqüentemente, para a formação de muitos conceitos que hoje conhecemos: terra de encantos, pulmão do mundo, natureza exuberante, lugar inóspito, Hiléia brasileira, etc. (DO ROSÁRIO; DO ROSÁRIO, 2018, p.94).

Seja de barco ou por estrada, são experiências diferentes para mim, devido ao fato de a viagem ser por barco, lancha, canoa, balsa ou sobre rodas. Toda vez que vou para novos lugares sinto uma sensação diferente, mesmo quando volto para os lugares que já conheço, pois, apesar do caminho ser o mesmo, cada vez parece uma nova experiência, cada navegação é uma experiência única.

Talvez porque, assim como afirma Beltrão (2021, p.32) a “beleza e exuberância da paisagem amazônica, com suas peculiaridades, mistérios e lugar, continuam desafiando novos viajantes” que com suas motivações e pelo “desejo de penetrar no desconhecido, aprimoram a cada dia nossa razão de ser e viver como parte integrante da história.”

As imagens coletadas dessa Amazônia digital são trabalhadas dentro de uma construção, de um pensamento poético ligado às histórias e memórias de heranças que carrego comigo. Junto aos fragmentos, observo que estes formam o meu eu. Então trabalho com a Amazônia real e imaginária e dela procuro abstrair e concretizar as imagens.

Olhar as imagens que surgiram deste processo é também dialogar com a experiência anterior a elas. A construção de um pensamento poético lida com estas contradições e, mais que isso, se faz justamente destas relações entre o abstrato e o concreto. (PERES, C. 2015, p.58)

Os trabalhos carregam consigo significados dessa construção entre minhas memórias, percepções e vivências surgem capturas de imagens das paisagens e registros dos lugares no tempo que os vi, e assim as “imagens que surgem daí carregam afetos e memórias e se relacionam diretamente com a natureza humana. A ação se dá em prol da concretização de uma ideia, da captura de uma cena percebida no tempo. (PERES, C. 2015, p.61).” Percebo que minhas vivências e memórias nutrem minha poética quando trabalho entre meus deslocamentos cotidianos e as minhas viagens, e as traduzo com as imagens digitais que capture, modifco e compartilho.

A memória no ser humano lida com lembranças que são construídas a partir da sua vivência, ou seja, ela se constitui de experiências adquiridas ao longo do tempo encaminhadas por interesses pessoais, escolhas, emoções. O ser humano é capaz de elaborar relações entre essas experiências, mesmo que haja uma distância entre um fato e outro, ou seja, trabalha na unidade das formas e na ordem. (PERES, 2015, p. 62)

Com o trabalho realizado sobre os fragmentos em deslocamentos feitos na Amazônia, me permito mergulhar nas ideias e memórias, nas relações com os lugares, com as pessoas e as histórias construídas sobre o ambiente comum e as conexões ancestrais. Tomei como mote principal para o processo criativo, a manipulação das imagens digitais da paisagem amazônica com suas águas através dos meus deslocamentos realizados durante o período desta pesquisa, os quais são essenciais e inerentes a mim.



Capítulo 5 - Igarapés Urbanos

A Amazônia e a questão ambiental são, sem dúvida, um assunto com o peso e o tamanho de seu território, e reflete um debate, sobretudo político. Porém, o que trago para este capítulo são as preocupações de um artista que trabalha e pensa sobre a Amazônia, a partir das artes visuais, através de suas imagens. Posso afirmar que sou alguém cuja pele e alma respiram e se inspiram nesse imenso lugar, a Amazônia. O futuro das paisagens e dos caminhos feitos pelos rios são preocupações constantes dentro de minha poética ligada à água e se tornou necessário em meu processo criativo a partir da prática da errância realizada na cidade de Manaus.

Os errantes modernos não perambulam mais pelos campos como os nômades mas pela própria cidade grande, a metrópole moderna, e recusam o controle total dos planos urbanísticos modernos. Eles denunciam direta ou indiretamente os métodos de intervenção dos urbanistas, e defendem que as ações na cidade não podem se tornar um monopólio de especialistas (JACQUES, 2004, p.1).

Busco navegar e caminhar para capturar imagens que mostram relações dos diferentes lugares urbanos e os trajetos das águas, como por exemplo, os rios e igarapés que rodeiam e penetram a cidade.

Para realizar os meus trabalhos poéticos que aqui apresento, foi preciso fazer recortes dos resultados da ação nociva do homem no meio ambiente. As histórias dos igarapés são marcadas tanto pela marginalização dos

pobres e trabalhadores de baixa renda, pessoas que foram empurradas para as margens dos rios, a fim de tornar viável a construção da ‘moderna’ cidade de Manaus, como pelos seus transbordamentos naturais, que ocorrem ano após ano durante o período de enchente na Amazônia. Cabe ainda lembrar que, enquanto áreas foram destinadas à implantação das indústrias de forma planejada em Manaus, “as moradias dos trabalhadores foram sendo construídas na parte periférica da cidade através de invasões clandestinas, sem planejamento”, levando a população de baixa renda a se estabelecer nas margens dos igarapés, locais transformados “em lixeiras, receptores de esgotos sanitários e industriais na sua maioria” (GEISSLER; ALENCAR. 2011 p.3).

No caso específico de Manaus, lamentavelmente, é possível ver problemas enormes ligados ao lixo, à exemplo do Rio Negro (este fica em frente à cidade), bem como a falta de políticas públicas efetivas para buscar soluções de infraestrutura e de saneamento básico. E, não somente isso, mas a cultura de jogar o lixo e os dejetos diretamente na água por parte da população, a qual parece desconhecer os malefícios que surgem a partir desta ação. Isso se torna visível e pode ser observado nitidamente não apenas pelo lixo acumulado nas margens, como pelo mau cheiro e pelos imensos alagamentos por conta das fortes chuvas.

Somam-se a estas ocupações desordenadas, o fato de ao se morar próximo a esses lugares, pondo em risco a saúde da população local devido às inúmeras doenças trazidas pelas águas poluídas, principalmente no período de chuvas. As palafitas sobre as margens dos igarapés, que são casas com estrutura de madeira suspensas para evitar que as mesmas sejam arrastadas pelas águas durante o período de cheias e manter a proximidade com o sustento através do rio, segundo Levi (2006, p.3) evidenciam o “uso e a ocupação desordenada das margens e do próprio leito dos igarapés da área urbana do município de Manaus” e representam “um dos principais problemas sociais e ambientais

enfrentados, hodiernamente, pelo poder público e por toda a população direta ou indiretamente”, e afirma que a

maneira indiscriminada e inadequada de utilização do solo urbano com o estabelecimento de invasões e de assentamentos ilegais, aliados à falta de infra-estrutura urbanística e conseqüentemente a prestação insuficientes de serviços básicos essenciais, gerou o atual cenário de degradação dos corpos d’água e das áreas do entorno dessas localidades, assim como de risco social a que estão sujeitas as populações que ali vivem. (LEVI, 2006, p.3)

E, ainda, segundo Levi (2006, 15), a “problemática das sub-moradias que se aglomeram de maneira caótica às margens dos igarapés em forma palafitas é símbolo da luta pela moradia digna na cidade de Manaus” e evidenciam a “violência que a população menos abastada enfrenta pelo legítimo acesso à moradia e demais serviços urbanos basilares.” Alguns Igarapés não possuem mais casas, e isso se deve ao PROSAMIM (Programa Social e Ambiental dos Igarapés de Manaus), criado para solucionar os problemas ambientais, urbanísticos e sociais em decorrência da ocupação irregular dos mesmos, pois se observa que “Manaus está dividida em quatro Bacias urbanas, sendo elas: a Bacia de Educando, cujo principal contribuinte é o igarapé do Quarenta; Bacia do São Raimundo, da qual o principal contribuinte é o Igarapé do Mindu; Bacia do Puraquequara e Bacia do Tarumã” (GEISSLER; ALENCAR, 2011, p.5), e que a

maior parte dessas bacias apresenta elevados índices de concentração populacional. Este aspecto, além de ser inconstitucional oca-

siona sérios prejuízos socioambientais, como processos erosivos, retificação do leito, aterramento, enchentes e poluição hídrica tornam-se traços comuns na paisagem dos principais igarapés que cortam e drenam a cidade de Manaus. (GEISLER; ALENCAR, 2011, p.6)

Essas áreas são de extrema importância para pensar sobre o desenvolvimento e a grande concentração de pessoas na cidade, tendo como foco as questões que envolvem a natureza, o planejamento urbanístico, a memória dos ribeirinhos, a mudança nas paisagens amazônicas próximas aos igarapés e os impactos e significados de uma cidade no meio da floresta. Para Levi (2006, p.6-7) se por um lado a paralisação, o abandono e o isolamento econômico e social abarcou a região durante um longo tempo, por outro lado, com a

implementação da Zona Franca de Manaus, o Amazonas, e especialmente sua capital - Manaus, deparou-se, subitamente, com o caótico processo demográfico, a ocupação irracional dos solos urbanos e com o despreparo frente às peculiares características ambientais da região, as políticas públicas mal planejadas e insuficientes e os contornos de uma sociedade caracterizada por graves conflitos, identificados, primordialmente, pela pobreza, marginalidade e desigualdade social. (LEVI, 2006, p.6-7)

Considero importante refletir sobre a imagem dos igarapés numa época antes da poluição, antes das ocupações de suas margens e historicamente como lugar de passeio, de banhos, e como lugar de lazer para o desfrute da paisagem amazônica. Para as pessoas da Amazônia é inerente uma conexão com a paisagem e, sobretudo com a água. Observa-se uma busca constante por lugares limpos para nadar, tomar banho e desfrutar isso com a família e amigos, mas

infelizmente isso não pode mais ser feito nos igarapés próximos a cidade de Manaus. Permanece na memória a época em que Manaus respirava o ar de 'Paris dos Trópicos' e imitava passeios e banhos europeus.

Historicamente os igarapés que drenam Manaus foram utilizados como balneários até meados da década de setenta, antes da instalação do Distrito Industrial. É tradicional a utilização das águas frias dos igarapés para o "banho", termo este muito empregado no município para o usufruto e lazer obtido nestes corpos d'água. (...)as pessoas procuram estes banhos nos extremos da cidade, ou mesmo em municípios próximos, porém, estes têm ficado cada vez mais distantes da cidade. (GEISSLER; ALENCAR, 2011, p.8)

O que se vê nas margens dos rios deixa os ribeirinhos e os viajantes com preocupações legítimas em relação ao futuro da Amazônia. Existem evidências contundentes sobre a expansão de danos, não apenas na área urbana, mas também em áreas rurais. Prestes (2021, p.8-9) nos alerta, por exemplo, que o Distrito Industrial e sua expansão para o Distrito II, que "integram o Polo Industrial de Manaus, circundam grande parte do entorno da margem esquerda causando danos ambientais a nascentes, igarapés, lagos, restingas e praias, atingindo espaços de usos coletivos de moradores".

A vida na região Amazônica foi alterada pela necessidade da produção para o comércio internacional do látex, matéria-prima a partir da qual era produzida a borracha, uma goma elástica extraída da seringueira, a *Hevea brasiliense*. A exportação da borracha iniciou-se em 1827 sob várias formas até a padronização em grandes bolas

ovais, as pélas. Sua importância passa a ser maior quando em 1836 o norte-americano Goodyear descobriu o processo de vulcanização misturando o enxofre à borracha, desenvolvendo assim um produto útil à indústria do século XIX e essencial para a futura indústria automobilística. Dunlop, utilizando a borracha, descobre o pneumático para bicicletas, que mais tarde seria aplicado nos automóveis pelos irmãos Michelin. (SOUZA, 2005, p.4-5)

No processo histórico, daí surgiram inúmeras transformações das quais as consequências são perceptíveis até os dias atuais. A Amazônia urbana e a floresta vivem num complexo mundo de significados, que constroem um paradoxo amazônico contido nesta pátria verde, onde se procura soluções ainda em aberto sobre um elo entre água, terra, fauna, flora e cidade.

Atualmente os meios de comunicação têm um papel preponderante na formação do imaginário sobre Amazônia. (...) Os estereótipos associados à Amazônia são atualizados diariamente pela imprensa, e embora a origem da maioria deles tenha se perdido, remetem a concepções de Amazônia que vêm sendo construídas e reconstruídas há cinco séculos. (FRANCO, 2002, p.6)

Entre as amazônias que foram sendo destacadas, a que clama preservação entra em contraste com a que cresce na cidade de Manaus, da expansão urbana e tecnológica, da indústria e da modernidade. Com a minha vinda para Manaus, pude observar a relação das pessoas com a água, através dos igarapés e durante o meu mestrado, pesquisei sobre este assunto e percebi que, em cidades pequenas, a relação com os rios, lagos e igarapés se dá de maneira mais cuidadosa. A água das pequenas cidades é mais limpa e pura do que a da capital. Sem

dúvida, há de se levar em conta o custo da modernidade alcançada em Manaus e a marginalização do pobre, bem como seus resquícios na água, apesar das tentativas de reviver muitos igarapés.

É graças a esta forma peculiar do olhar do homem da região (que a Amazônia, que sempre constitui-se para viajantes e estudiosos um espaço delimitado de geografia e cultura), tornou-se também uma extensão ilimitada às instigações do imaginário. Por essa prazerosa, o homem da Amazônia percorre pacientemente as inúmeras curvas do rio, ultrapassando a solidão de suas várzeas pouco povoadas e plenas de intocáveis tonalidades de verde, da linha do horizonte que parece confinar com o eterno, da grandeza que envolve o espírito numa sensação de estar diante de algo sublime. (LOUREIRO, 1995, p. 59)

Com os meus trabalhos poéticos tento enfatizar a importância que recai sobre os caminhos do rio, as relações que se tem de pequenos, médios e grandes caminhos d'água para chegar a lugares únicos e singulares. Os igarapés, por exemplo, são como veias que nutrem suas pequenas margens em determinados lugares e estão morrendo na cidade de Manaus com a poluição.

Desde os meus primeiros trabalhos sobre água nos igarapés da cidade de Manaus, percebi o ambiente da água como veias que percorrem a cidade, e reflito sobre um possível cenário imaginário, em contrapartida com o que se observa no cotidiano, através da evidente ação terrível do homem, como por exemplo, a poluição continuada nesses lugares, apesar do programa de tratamento dos igarapés em Manaus.

5.1. Série Resquícios

A paisagem Amazônica para a minha poética está ligada não só a floresta como intocável e mítica, mas, sobretudo como alerta sobre as ações nocivas realizadas nas áreas urbanas, onde tais atos passaram a ser o meu foco através da arte. Com sua densa floresta, rios e igarapés, a Amazônia serve de inspiração para o meu universo particular de criação, não apenas como captura daquilo que se observa de pronto, mas proporciona distorções e transformações dentro das imagens que gerei com os meus trabalhos poéticos.



Figura 26 - Uýra Sodoma. Foto: Indiara Bessa.

Os artistas que uso como base para este trabalho são Emerson Munduruku (1991), natural do estado do Pará - cuja a persona *Drag Queen* chama-se Uýra Sodoma -, na performance *Caminho de Lixo* (2019), em que chama a atenção para

questões de direitos humanos e conservação da natureza, e o artista mexicano Alejandro Durán (1974), cujo trabalho retrata a intervenção humana na natureza.

No trabalho de Uýra relacionado à questão do quão nociva está a situação dos igarapés de Manaus, traço uma relação com o meu trabalho no que diz respeito a preocupação com a poluição dos igarapés, da água, e da mente das pessoas que não tem respeito pelos lugares, onde o trabalho artístico apela para a reflexão sobre tais assuntos.



Figura 27 - Alejandro Durán, *Nubes (Clouds)* (2011). Fonte: Museum of Garbage.

Já no trabalho de Alejandro Durán, ele produz esculturas coloridas que se juntam à natureza, objetos que são montados e compõe a paisagem, e nisso traço uma relação com minha obra pela preocupação em retratar os objetos em meio à paisagem. A escolha de um ângulo no qual mostre a interferência na natureza, algo que fala sobre a poluição.

Percebi, durante o meu processo criativo, que o lixo mostra aquilo que so-

brou de materiais, atos que apontam a história de uma região e a maneira como a sua sociedade lida com essas questões, trazendo à tona as políticas praticadas pelo poder público especializado, na medida em que um problema ambiental se faz tão atual e tão presente hoje, além de trazer para o foco o comportamento das massas e suas responsabilidades no que tange ao cuidado com o meio ambiente. Grobe (2014, p.23) nos alerta que se faz necessário analisar as formas como os igarapés foram “usados, pensados e praticados na construção da cidade de Manaus no final do século XIX e início do XX” e que as intervenções urbanas foram estruturadas e pensadas para um modelo específico de melhoramento e embelezamento da época, mas é importante entender

as relações da nossa sociedade com o ambiente, que hoje é um problema que se coloca como prioritário no pensamento das cidades, [e] demonstra que as ações e as intervenções urbanas devem procurar encontrar soluções que inventem formas novas de se relacionar com seus patrimônios naturais e culturais, o que implica rever as próprias concepções acerca do homem e suas sociabilidades diante do ambiente, presentes em nossa cultura através da nossa história (GROBE, 2014, p.23).

Em algum sentido, os meus trabalhos representam também os outros lugares parecidos dentro da cidade. Lugares em que são retiradas toneladas de lixo todos os dias, onde há risco de acidentes em períodos de forte chuva, além do risco iminente de doenças. Tais lugares representam a pobreza do lugar em contraste com a arquitetura moderna da cidade, com suas avenidas e shoppings. Para mim, uma cena do cotidiano na cidade de Manaus, independente de sua localização exata, serve de base para reflexão sobre o futuro da cidade, da sociedade,

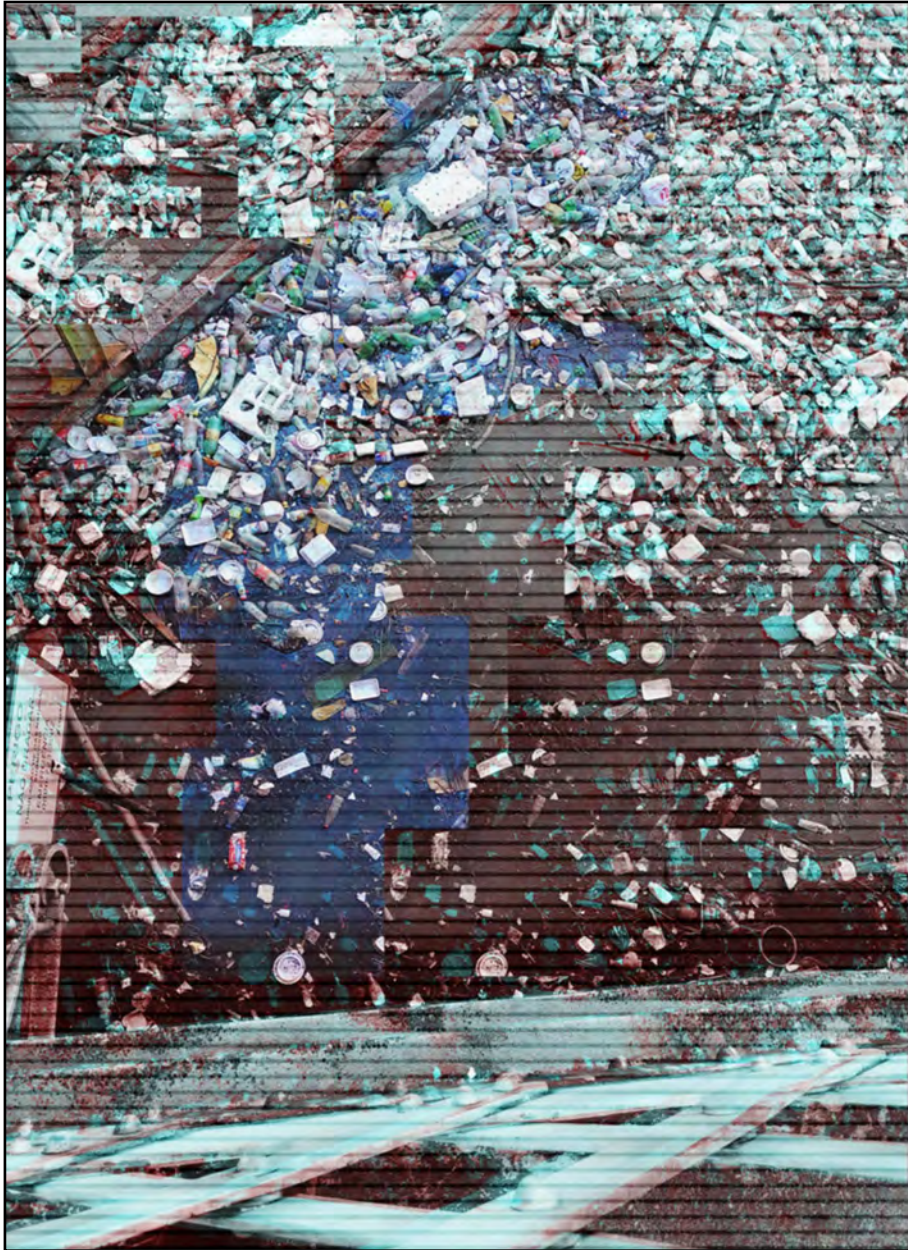


Figura 28 - Maxi Rodrigues, *Resquício 1* (2021). Imagem Digital.

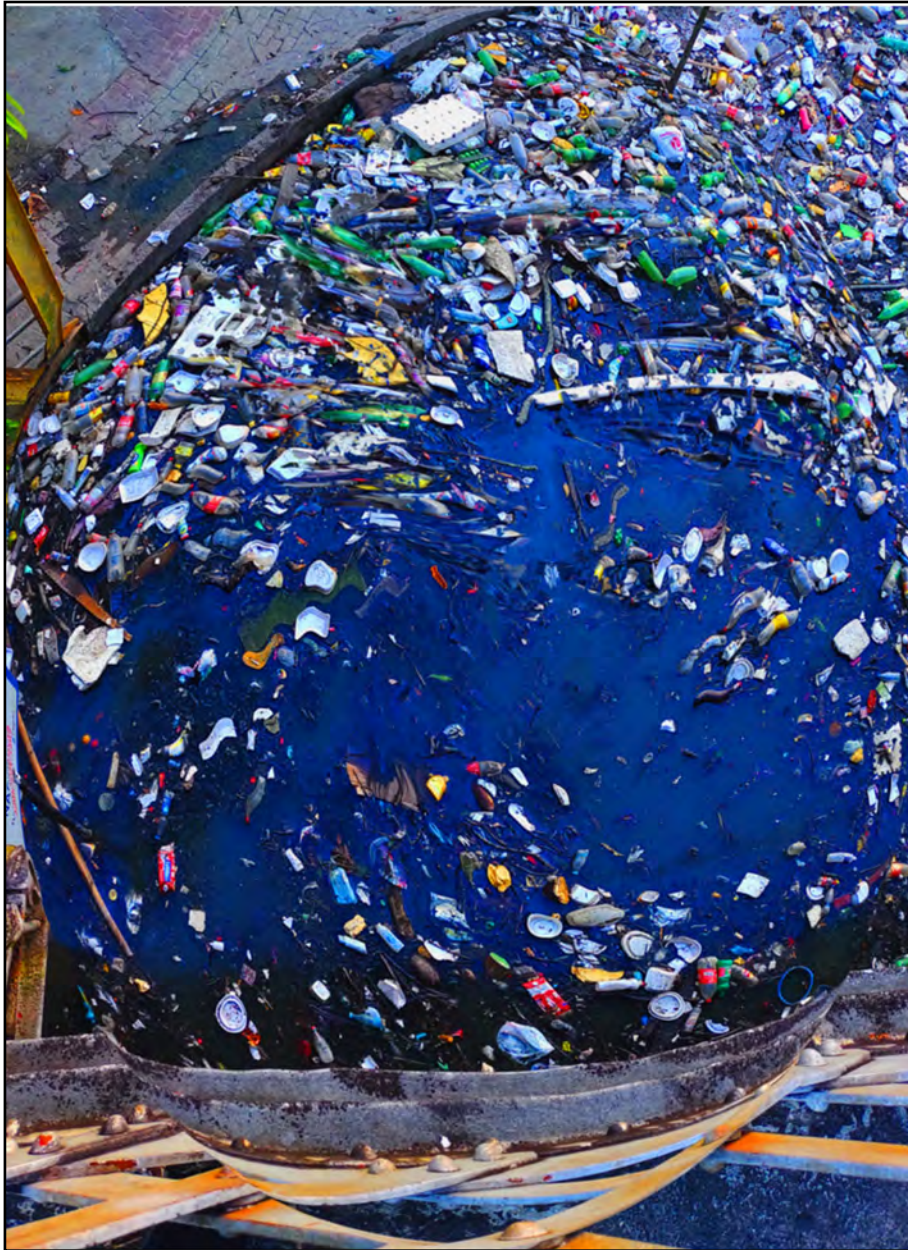


Figura 29 - Maxi Rodrigues, *Resquício 2* (2021). Imagem Digital.

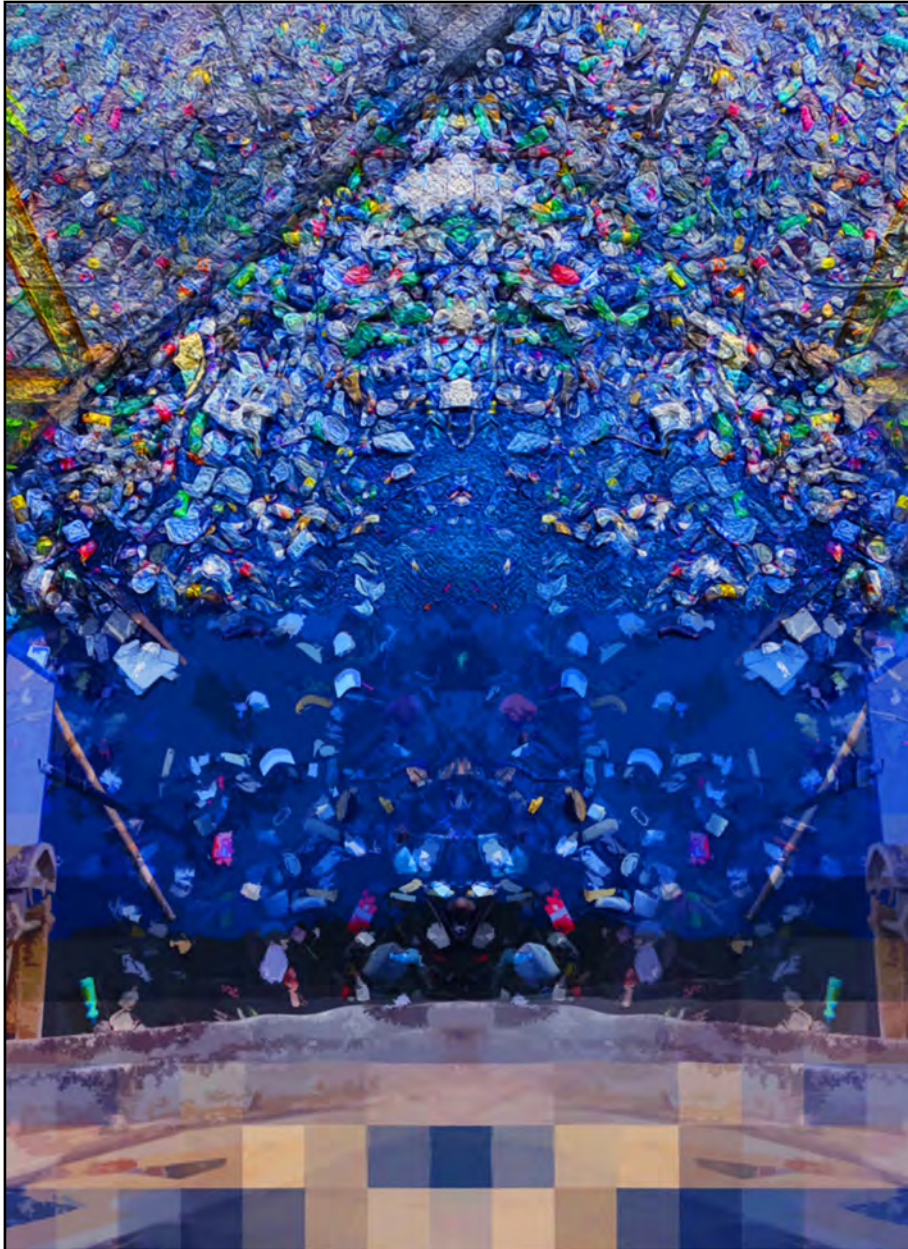


Figura 30 - Maxi Rodrigues, *Resqúicio 3* (2021). Imagem Digital.

da memória e da paisagem amazônica e aponta para as minhas preocupações com o lixo nos igarapés e a cultura de jogar aquilo que não serve mais nas águas, evidenciando o desastre ambiental presente no nosso cotidiano.

Para a série *Resquícios* (2021), trabalhei com a captura de imagens digitais com *smartphone* e posteriormente com a manipulação das imagens no Photoshop. Nesta série, os trabalhos mostram aquilo que sobra, a preocupação com a poluição das águas e a devolução do lixo para a cidade, consequência da ação humana nos igarapés no bairro São Jorge, ao lado do Parque dos Bilhares e próximo ao Millenium Shopping, na cidade de Manaus. Esse lugar na verdade se chama igarapé do Mindu, cuja extensão atravessa avenidas principais, como a Avenida Constantino Nery, local de onde as imagens foram capturadas. Pensar nos igarapés de Manaus é pensar na história e na memória, onde os cursos d'água possuem simbologias e significados únicos para a cidade.

No dia da captura das imagens para a série *Resquícios* (2021), eu caminhei da escola onde trabalho, na Av. Constantino Nery até a área acima do contorno próximo ao Parque dos Bilhares. Lembro que já tinha visualizado do ônibus ao passar pelo local, o lixo acumulado naquela região. Então decidi fazer as imagens próximas da margem do igarapé no retorno da avenida, que por sua vez ficou fechado para tráfego devido ao transbordamento das águas. Olhar tal cena me fez sentir um impacto visual gigante, o que me motivou a falar visualmente sobre todo aquele lixo e sobre as toneladas de resquícios no meio ambiente, principalmente nas margens dos igarapés.

Neste dia fiz três imagens e escolhi apenas uma para poder usá-la como imagem matriz e produzir os trabalhos poéticos. A série resultante foca tanto na profusão de objetos, ora em preto e branco, com o intuito de trazer à memória a ideia da imagem de outro tempo, que se repete, ora colorido, deformado e ampliado, copiado, espelhado e sintetizado, a fim de explicitar o excesso, o múltiplo dos

objetos, os restos de todos os dias, pontos frios e quentes da mesma paisagem.

Este lugar significa o cotidiano, a interferência humana na cidade e na natureza. Os igarapés que correm através da cidade de Manaus, e nesse lugar, não vejo outra relação com a população a não ser de depósito de sobras, junto a um “símbolo da modernidade urbana”, um *shopping*. Para mim, que venho de uma cidade pequena, onde a poluição é percebida com menos potencial do que em Manaus, posso sentir o cheiro nas imagens que produzo, pois lembro-me das minhas caminhadas e das navegações pelos igarapés, lembro-me das sensações através das imagens, as quais recolho digitalmente e dos cheiros dos lixos desses mesmos lugares.

As águas amazônicas dos igarapés sempre trazem até mim suas histórias de encontro. Uma conexão com a natureza que reativa a memória afetiva, em relação a minha família, dos meus paternos e maternos que moravam nas margens do rio Amazonas. Então eu sigo os caminhos das ruas para observar os caminhos dos igarapés, caminho lentamente para perceber detalhes, os quais são sempre e a cada vez uma experiência única. Pensar nos igarapés de Manaus é pensar na história e na memória, onde os cursos d’água possuem simbologias e significados únicos para a população da cidade.

O que também se percebe no tipo de convivência histórica do homem com a Amazônia, e que diante da presença mais do que real de rios e florestas, mesmo mantendo com florestas e rios tão estreita relação de vida e trabalho, a dimensão do cotidiano comportam sempre a leveza do etéreo, a sutileza de encontrar maravilhas nas coisas. (LOUREIRO, 1995, p.99)

Resquício 1 (2021) (fig. 28) resulta numa produção com a ação *glitch*, com sua característica principal de falha na imagem, ao exemplo da própria questão

com a qual ela propõe, falha humana e a percepção visual de envelhecimento da imagem, análogo a um problema antigo que ainda continua nos dias de hoje, onde diariamente são retiradas toneladas de lixo dos igarapés, resultado da falha administrativa, política e coletiva da população local e pela falta de consciência ambiental. Refletir sobre este lugar leva a pensar em possibilidades de melhorar os cuidados com os igarapés. Estes poderiam servir como caminho aos vários lugares da cidade caso se tivesse um investimento tecnológico do poder público, mas precisaríamos eliminar ou pelo menos reduzir a poluição no nível ao qual se encontra hoje.

Já em *Resquício 2* (2021) (fig. 28), amplio o centro da imagem do rastro de água com o lixo, além de distorção que está dentro daquilo que eu trabalho e investigo, sendo uma das características principais das águas, como por exemplo, o rio com os seus movimentos e aumento na parte central da imagem.

Em *Resquício 3* (2021) (fig. 30), coloco aquilo que já trabalhei em outras imagens, que é o reflexo da mesma, com o movimento de pincelada, que simula a pintura à óleo, em contraste com a abstração, dentro de uma simplificação das formas e a ampliação dos *pixels* que acusa um desdobramento efetivo. Assim como o espelho d'água, o reflexo traz consigo a percepção de ações daquilo que se faz e principalmente a observação da sua essência.

Os trabalhos poéticos apontam como resultado a preocupação com o lixo nos igarapés e principalmente a conscientização da ação de jogar aquilo que não serve mais nas águas como um ato terrível ao nosso meio ambiente. Os rios têm uma proporção maior do que os igarapés, que por sua vez, são rios menores, seus leitos são pequenos e em período de enchente transbordam. Especificamente em Manaus, os seus transbordamentos ocorrem pelas ruas e em período de estiagem se transformam em pequenos córregos. No rio navegam grandes barcos, navios e balsas, já o igarapé só permi-

te pequenas embarcações, a canoa se torna um belo exemplo para este navegar, mas em Manaus, não são usados para o deslocamento dentro da cidade.

A cultura amazônica é, portanto, uma produção humana que vem incorporando na sua subjetividade, no inconsciente coletivo e dentro das peculiaridades próprias da região, motivações simbólicas que resultam em criações que estreita, humanizam ou dilaceram as relações dos homens entre si e com a natureza. Uma natureza plurivalente para o homem, da qual ele retira não apenas sua subsistência material, como também espiritual. (LOUREIRO, 1995, p.70)

Ao observar os rios e igarapés que fazem parte de minhas viagens e caminhadas, posso perceber com todos os sentidos a Amazônia e a água numa conexão única. Na viagem de Parintins para Manaus, singramos o rio Amazonas com todas as suas características e afluentes para depois chegar ao Rio Negro em frente à Manaus, e o encontro dos dois pode simbolizar muitas coisas e erger muitos significados, assim como sua lenda.

As águas devem ser respeitadas e compreendidas como parte das necessidades básicas do ser humano. O lixo mostra aquilo que sobrou de materiais e atos que apontam a história de um povo, de uma sociedade, e a maneira com que esta lida com a questão dos resíduos. Este problema perpassa tanto as políticas praticadas pelo poder público especializado, na medida em que um problema histórico se faz tão atual e tão presente nos dias de hoje, além do comportamento de cada cidadão com o cuidado que este deve ter com o meio ambiente. O que se percebe na relação do homem da Amazônia é a conexão com as coisas, desde um simples ato de respirar seu ar, sentir sua terra nos pés e beber da sua água, conexões sutis e deslumbrantes. Algo que inspira poeticamente e dá sentido à vida.

Pensar sobre a água no contexto da arte não é como desenvolver um trabalho sobre outro material qualquer, mas exige uma reflexão sobre a história e a significação cultural desde elemento primordial no desenvolvimento da civilização. A água é sabidamente um dos elementos mais necessários para a vida do homem e determina grande parte de seus hábitos, influenciando em aspectos de sua vida individual e coletiva. A busca por água e a tentativa de dominá-la e colocá-la à disposição dos homens levam ao desencadeamento de processos políticos, sociais, tecnológicos e culturais. (FORTES JUNIOR, 2006, p. 16).

Procuro através da arte e da minha poética com temática ligada à água, trazer as lembranças de um ambiente ribeirinho familiar, um convívio em paz com a natureza e, em contraste, uma maneira de mostrar estas mesmas paisagens diluídas, imagens daquilo que se observa nos dias de hoje (com muito lixo) e minha constante preocupação com o futuro.

Assim como a relação do amazônida com a floresta se faz inerente, a navegação também tem seu lugar incontestável, seja pela história com as descobertas junto à colonização, seja para a sobrevivência e a observação da paisagem simples e ao mesmo tempo grandiosa. A navegação pelas águas na Amazônia é para Loureiro (1995, p.100), “norteada pela posição dos astros no céu ou por alguns sinais identificativos percebidos nas margens: uma casa iluminada por lamparinas, um aglomerado de casas de madeira sobre palafitas, conectadas ao rio por um trapiche, a localização estratégica de uma ilha, o ponto de fuga de ângulos formados pela copa de uma árvore grande e a estrela d’alva.” Para o caboclo ribeirinho, da várzea e da terra firme, que habita neste mundo particular cheio de símbolos, histórias e memórias, existe um ciclo de construção, de reafirmação da identidade e de criação inspiradora, na qual a realidade nem sempre condiz com o seu desejo.

Guardo em minha memória minha relação com a água desde criança em Parintins/Amazonas, cidade chamada de ilha, onde eu cresci olhando o firmamento, o nascer e o pôr do sol sobre o rio Amazonas e a “Lagoa Azul” que transbordava na rua atrás de minha casa e invadia a cozinha e onde atravessava a ponte Amazonino Mendes acima do lago Macurany e o igapó na estrada Odovaldo Novo ao lado da cidade Garantido. Todos esses elementos construíram a sensibilidade ao olhar da paisagem dos igarapés em Manaus a cada metro caminhado próximo às margens, as histórias dos moradores e o lixo observado junto com a coloração e odor da água. Paisagens ribeirinhas e urbanas atuais, mesmo que não seja a que agrada aos olhos, deve ser observada de perto para perceber a poluição constante produzida por quem nela vive. Então se faz necessário falar sobre isso na arte, de maneira a atingir e provocar a inquietação e a consciência em todos.



Considerações Finais

Ao concluir essa pesquisa pude perceber avanços significativos no que diz respeito ao meu processo criativo, bem como, os resultados visuais no meu trabalho poético. Através das orientações, consegui moldar as minhas expectativas iniciais em relação ao projeto e ao texto final que aqui apresento.

Percebi o quão importante esta pesquisa se tornou ao longo dos dois anos e apesar da distância entre Manaus-AM (UFAM) e Porto Alegre-RS (UFRGS), acredito que o trabalho foi realizado de forma primorosa, mesmo com a ausência das aulas e orientações presenciais, algo que, sem dúvida, agregaria muito neste ciclo, se não fosse a pandemia. Os estudos realizados dentro das diversas disciplinas *on-line* foram de extrema importância para mim e percebo que melhorei a minha percepção e a minha produção intelectual. Também consegui produzir melhor os trabalhos com a imagem digital, bem como fazer autoanálise através daquilo que foi aprendido. Para mim, se torna uma honra e uma felicidade muito grande poder fazer parte disso.

Dentro da pesquisa, procurei primeiro falar sobre a Amazônia digital, na qual pude dissertar sobre as imagens num ambiente de criação digital e das possibilidades de manipulação e de compartilhamento. Ambientes de interação em que meu trabalho se torna cada vez mais presente e considero potencialmente importante ter a arte dos amazônidas em ambientes digitais para ampliar os espaços de discussões em Artes.

Outro aspecto abordado tratou particularmente sobre os barcos, onde as minhas novas experiências ressignificaram as minhas memórias. O barco leva por vários caminhos a percorrer, seja como viajante rumo ao desconhecido ou a voltar para o lugar onde os laços se fazem indestrutíveis. Os trabalhos resultantes trazem características singulares e falam de mim, dos lugares, das pessoas e das relações com a água na Amazônia. Trabalhos foram realizados com intuito de trazer a

Amazônia imaginária e outros que se pautaram pela abordagem do meio ambiente e a poluição das águas amazônicas, principalmente aquelas próximas às cidades.

Diante disso, reforço a importância dessa pesquisa de mestrado, da qual colho os resultados dos meus esforços. Do ponto de vista da minha produção artística, experimentei e aliei os conhecimentos obtidos nas orientações, nas discussões das disciplinas e nas leituras. Também vejo o quanto se faz necessária a pesquisa no Amazonas no campo das Artes Visuais, de modo específico nas artes de caráter digital. Considero dar continuidade sobre as águas como elemento principal, e somadas a elas, poder produzir e pesquisar sobre a fauna e flora, bem como, aprimorar no futuro outros procedimentos dentro das artes digitais, como a pintura e a colagem digital, para tratar do contexto amazônico.

Referências

BARACHINI, Teresinha. Lugares transpostos. In: **Revista Croma, Estudos Artísticos**. V. 6, n. 12, julho-dezembro, 2018. p. 94-101. Disponível em: <<https://croma.belasartes.ulisboa.pt/arquivo.htm>> e <<https://www.tb.art.br/>>

BELTRÃO, Ednilson Ayres. **Paisagens das águas e o sentido do lugar na vida dos habitantes das áreas de várzea do município de Barreirinha no Amazonas**. 2021. 182 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2021.

BESSA, Indiara; HENRIQUES, Camila. **Drag amazônica usa arte para chamar atenção para 'caminho de lixo' em igarapés de Manaus**. G1- Data: 25/03/2019 Disponível em: <<https://g1.globo.com/am/amazonas/noticia/2019/03/25/drag-amazonica-usa-arte-para-chamar-atencao-para-caminho-de-lixo-em-igarapes-de-manaus.ghtml>> Acesso: julho/2022.

BRAGA, Luiz. **Artista Luiz Braga**. Galeria Leme. Disponível em: <<https://galerialeme.com/artist/luiz-braga/#&gid=1&pid=24>> Acesso em junho/2022.

COUCHOT, Edmond. **A Tecnologia na arte: da fotografia à realidade virtual**. Porto Alegre: UFRGS, 2003.

DO ROSÁRIO, Jocenilda Pires de Sousa; DO ROSÁRIO, Samuel Antonio Silva. A cronística de Gaspar de Carvajal e a colonização da Amazônia. In: **Nova Revista Amazônica**, v. 6, n. 4, p. 93-107, 2018.

DURÁN, Alejandro. **Washed Up Photo Series**. Museum of Garbage. Disponível em: <<https://alejandroduran.com/photoseries>> Acesso em: junho/2022.

FOGLIANO, Fernando. Cultura e Tecnologia: A Automação nos Processos Criativos das Narrativas. In: **Revista da Anpoll**, v. 1, n. 35, p. 77-98, 2013.

FORTES, Hugo. **Site do artista Hugo Fortes**. Disponível em: <<https://www.hugofortes.com/video>> Acesso em junho/2022.

FRAGA, Tania. O fazer em arte computacional: reflexões. In: **26º Encontro da Associação dos Pesquisadores em Artes Plásticas: Memórias e Inventações**. Campinas. 2017.

GOBIRA, Pablo (Ed.). **A memória do digital e outras questões das artes e museologia**. Laboratório de Poéticas Fronteiriças. 2019. Disponível em: <<http://labfront.tk>>

JACQUES, Paola Berenstein. Elogio aos errantes. Breve histórico das errâncias urbanas. In: **Arquitextos**, São Paulo, Ano 05, n. 053.04, Vitruvius, out. 2004 Disponível em: <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/05.053/536>>. Acesso em maio/2021.

JUNIOR, Hugo Fernando Salinas Fortes. **Poéticas líquidas: a água na arte contemporânea**. 2006. Tese (Doutorado em Artes Plásticas) - Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006. doi:10.11606/T.27.2006.tde-13082009-155421 . Acesso em julho de 2021.

LEVI, Márcia Cristina Henriques. Considerações Jurídicas sobre políticas públicas para solução de conflitos relativos à ocupação urbana e a crise ambiental: PROSAMIM - Pro-

grama Social e Ambiental dos Igarapés de Manaus. In: **XV CONPEDI - Congresso Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Direito**, 2006, Manaus. Ensino Jurídico e Metodologia de pesquisa aplicada ao Direito. Florianópolis/SC: FUNJAB, 2006.

LOPES, Valter Frank de Mesquita. Um artista-*flâneur* na cidade de Manaus. In: **29º Encontro da Associação dos Pesquisadores em Artes Plásticas: Dispersões**. Goiânia. 2020. Disponível em <<http://www.anpap.org.br/encontros/anais/>> Acesso em maio de 2022.

LOUREIRO, Paes. **Cultura Amazônica: uma poética do imaginário**. Belém: Cejup, 1995.

MOKARZEL, Marisa. Trânsitos e fluxos: a arte de Armando Queiroz e Marcone Moreira. In: **Revista Sentidos da Cultura**, v. 1, n. 1, p. 41-48, 2014.

MOREIRA, Marcone. **Instituto PIPA- Marcone Moreira**. Disponível em: <<https://www.pre-miopipa.com/pag/20253-2/>> Acesso em: junho/2022.

NASCIMENTO, Dilson Gomes. **Entre a terra e água: modo de vida camponês no médio Rio Amazonas**. Parintins-AM, Manaus-AM, 2016.

Ordem e Progresso é a nova versão de uma performance-instalação do artista mexicano Héctor Zamora no MAAT. ArchDaily. Disponível em: <<https://www.archdaily.com.br/868491/ordem-e-progresso-e-a-nova-versao-de-uma-performance-instalacao-do-artista-mexicano-hector-zamora-no-maat>> Acesso em junho/2022.

PERES, Carolina. (2015). **Corpo, água e luz**. Dissertação (Mestrado em Artes) Instituto de Artes - Programa de Pós-graduação – Mestrado em Artes. Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, São Paulo, 2015.

PRADO, Gilbertto. Projetos “Encontros” e “Caixa dos Horizontes Possíveis”-Grupo Poéticas Digitais. Percursos Contemporâneos. In: **Realidade da arte, ciência e tecnologia**. Belo Horizonte: UEMG, p. 143-158, 2018.

PRESTES, Fernando Figueiredo. **Compleições ambientais e o tombamento do patrimônio do encontro das águas dos rios negro e solimões na cidade de manaus/am**. Direitos Sociais: Desafios Contemporâneos em Face Do Desenvolvimento e da Sustentabilidade. Direitos Fundamentais, Antropocentrismo e Ecocentrismo, Diante da Proibição de Retrocesso Ambiental. 2021. Disponível em <<https://www.semanticscholar.org/paper/COM-PLI%C3%87%C3%95ES-AMBIENTAIS-E-O-TOMBAMENTO-DO-PATRIM%C3%94NIO-Prestes/6e81b71a949d95370b53c96c3b26fe56ecd796ea>> Acesso em janeiro de 2022.

ROCHA, Cleomar. **Perspectivas de interação: um olhar sobre o interator. Percursos contemporâneos: realidades da arte, ciência e tecnologia**. Belo Horizonte: EdUEMG, 2018.

ROCHA, Cleomar. Estética da conectividade: apontamentos. In: **16º Encontro Internacional de Arte e Tecnologia**, 2017. Disponível em <<http://www.anpap.org.br/encontros/anais/>> Acesso em maio de 2022.

RUSH, Michael. **Novas mídias na arte contemporânea**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

SANTAELLA, Lucia. Arte, ciência & tecnologia: um campo em expansão. Pablo Gabira, Percursos contemporâneos. In: **Realidades da arte ciência e tecnologia**, Belo Horizonte: UEMG, 2018.

SANTOS, Milton. Elogio a Lentidão. In: **Revista Trabalho Necessário**. 2004. Disponível em: <<https://doi.org/10.22409/tn.2i2.p3653>> Acesso em agosto 2021.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço: Técnica, Razão e Emoção**. São Paulo: Edusp, 2003.

SOARES, E. O. Sobre o Rio Amazonas, entre Manaus e Parintins. 2020. In: **Vitruvius**, São Paulo, ano 13, n. 150-151.03, set. 2019. Disponível em: <<https://vitruvius.com.br/revistas/read/arquiteturismo/13.150-151/7517>> Acesso em novembro 2021.

SOGABE, Milton. Memórias, arte e tecnologias. In: GOBIRA, Pablo (org.). **A memória do digital e outras questões das artes e museologia**. ed. Belo Horizonte : EdUEMG, 2019. P. 19-35. Disponível em: https://editora.uemg.br/images/livros-pdf/catalogo-2019/A_memoria_do_digital/A_memoria_do_digital.pdf. Acesso em 22 mai. 2022.

SOGABE, Milton. O corpo do observador nas artes visuais. In: **Anais do 16º Encontro da ANPAP, 2007**. Disponível em <<http://www.anpap.org.br/encontros/anais/>> Acesso em março de 2021.

SOUZA, ACR de. A cidade de Manaus no dizer dos viajantes. In: **Simpósio Nacional de História**. v. 23, p. 01-08, 2005.

